

# **FUNDAMENTOS SOCIOLÓGICOS, FILOSÓFICOS E ANTROPOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO**

Módulo da Disciplina

**PÓS  
GRADUAÇÃO**

# Apresentação

*Em uma cultura que se supervaloriza o que tem utilidade imediata, o conhecimento filosófico pode parecer desnecessário, no entanto, é exatamente nesse contexto que ela se torna imprescindível.*

*Por que pensamos o que pensamos? Por que dizemos o que dizemos? Por que fazemos o que fazemos?*

*O objetivo desta disciplina é fornecer uma introdução às ciências humanas, explicitando as principais teorias Filosóficas, Éticas e Políticas, bem como relacionar a disciplina à área de formação e ao cotidiano. Esperamos que ao final dessa disciplina você seja capaz de:*

**Conhecer** os meandros da história da filosofia e seus principais fundamentos, considerando a realidade social, política, cultural e econômica de cada época;

**Compreender** a importância do conhecimento e da reflexão filosófica para a formação do conhecimento;

**Estabelecer** relações, em diferentes períodos históricos, entre os fundamentos da filosofia com ferramenta para a dominação de povos e culturas;

**Refletir** sobre as relações entre Filosofia e Senso Comum e seus processos de produção e aprendizagem, sobre a origem da formação do conhecimento Epistemológico e a construção dos saberes nas suas dimensões históricas e filosóficas, e acerca dos nexos entre História, Filosofia, Ética, Conhecimento e Saberes.

*Boa leitura!*

## Sobre o Docente

### **Francisco Carlos de Aguiar Neto**

Doutor em Direito pela Universidade Católica Santa Fé, Argentina. Possui mestrado em Teologia e Educação Comunitária com Infância e Juventude pela EST. Especialista em Metodologia do Ensino Superior, Direito Penal e Processo Penal, Direito Civil, Metodologia do Ensino da História e Cultura Afro Brasileira. Graduado em Filosofia pela FBB, Pedagogia pela FAC, História pela UNEB e Bacharel em Direito pela FAINOR.

# Sumário

<b>FILOSOFIA, CIÊNCIA E SENSO COMUM</b> .....	<b>4</b>
<b>Sócrates: Ética, Educação, Virtude e Obediência</b> .....	<b>9</b>
2.1 FILOSOFIA SOCRÁTICA E TESTEMUNHO ÉTICO .....	9
2.2 ÉTICA SOCRÁTICA .....	11
2.3 PRIMADO DA ÉTICA DO COLETIVO SOBRE A ÉTICA DO INDIVIDUAL .....	14
CONCLUSÕES.....	23
<b>PLATÃO: IDEALISMO, VIRTUDE E TRANSCENDÊNCIA ÉTICA</b> .....	<b>25</b>
3.1 VIRTUOSISMO PLATÔNICO E SOCRATISMO .....	25
3.2 VIRTUDE E VÍCIO: ORDEM E DESORDEM.....	27
3.3 IDEALISMO ÉTICO E MITO DE ER.....	32
4.4 ÉTICA, JUSTIÇA E METAFÍSICA .....	36
4.5 ÉTICA, ALMA E ORDEM POLÍTICA.....	40
CONCLUSÕES.....	41
<b>A CONSCIÊNCIA MÍTICA</b> .....	<b>43</b>
4.1 DOIS RELATOS MÍTICOS .....	44
4.2 O QUE É MITO? .....	46
4.3 OS RITUAIS.....	46
4.4 TEORIAS SOBRE O MITO .....	48
4.5 O MITO NAS CIVILIZAÇÕES ANTIGAS.....	51
4.6 O MITO HOJE .....	54
4.7 PARA FINALIZAR.....	56
Leitura complementar .....	57
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>59</b>
<b>PLANO DE CURSO</b> .....	<b>60</b>

# Capítulo 1

## Filosofia, Ciência e Senso Comum

(Eduardo Bittar)

É frequente afirmar que a ciência e a filosofia constituem-se em saberes sistemáticos, complexos, verticalizados e metodologicamente amparados; são, por isso, saberes diferenciados do saber vulgar. Esse tipo de preocupação acaba por concentrar os esforços e as atenções dos doutrinadores e cientistas, que se distanciam de uma reflexão mais apurada das relações entre a ciência, a filosofia e o senso comum.

O que se quer dizer é que, normalmente, ao se tratar do tema em foco, costuma-se mesmo acentuar o que diferencia os saberes científico e filosófico do saber vulgar (senso comum), destacando-se o fato de que são um aperfeiçoamento sistemático e crítico capaz de superar as fraquezas do raciocínio vulgar. Não com a mesma força nem com a mesma dedicação procura-se discutir quais as características que aproximam ou assemelham esses saberes entre si. O prejuízo enorme que decorre desse tipo de postura é o fosso criado entre o saber vulgar (senso comum) e os saberes específicos da ciência e da filosofia. Como consequência, tem-se o distanciamento dessas duas práticas de conhecimento do senso comum, de modo que seja dificultada qualquer tentativa de diálogo e interação entre as linguagens do cientista, do filósofo e do homem comum. De certa forma, rejeita-se toda experiência pré-científica ou pré-filosófica como não metodológica, e, feito isso, descarta-se a possibilidade de aceitá-las como dignas de atenção.

Passa-se, então, a falar em ignorância, em incompreensão, em falta de acesso ao estudo científico, em crise educacional generalizada... que, evidentemente, somente aparecem quando, entre outros fatores, as práticas eruditas distanciam-se das práticas populares. Quer-se dizer que há uma

dissintonia gerada pela falta de transparência (de linguagem, de interesse, de finalidades...) que prejudica claramente a difusão dos conhecimentos e a dispersão das informações em sociedade.

Desde longa data, a filosofia passou a caminhar em dissintonia com os reclamos do senso comum. Mais que isso, em função do grande grau de tecnicismo e estilismo, a própria linguagem filosófica tornou-se inacessível aos leitores não especializados e/ou familiarizados com as nuances filosóficas. O mesmo se pode dizer com relação à ciência e suas tecnologias do verbo, do discurso, das fórmulas, dos elementos químicos, dos usos... O que não se leva, normalmente, em consideração é o fato de que todo aperfeiçoamento científico ou filosófico surge das evidências mais banais (a observação da queda de uma maçã para a descoberta da lei da gravitação universal), das experiências mais frustrantes (quantas tentativas foram necessárias para o avião voar?), dos testes mais malogrados (quantos foram os acontecimentos e as conquistas para a energia dos raios ser canalizada por uma pipa numa noite de tempestade?), que logo são alijadas para as valas do esquecimento. Que pretensão é essa que pode superar todos os aforismos populares? Que pretensão é essa que pode contestar todas as crenças populares? Que pretensão é essa que pode modificar tudo o que a experiência imediata ensina? Que pretensão é essa que pode converter verdades em inverdades? Que pretensão é essa que não consegue enxergar na literatura princípios filosóficos? Que pretensão é essa que não consegue expor conquistas de conhecimento no palco de um teatro ou na tela da televisão? Percebe-se que a impressão confirma a desconfiança de que se vive da diferença entre cultos e incultos, numa divisão ao estilo colonialista.

Somente a pretensão de letrados poderia converter as intuições do senso comum em experiências dignas do esquecimento, a pretexto de dogmatizar a verdade e de cristalizar a circulação livre dos conhecimentos. Se a toga e suas conquistas podem representar uma evolução da humanidade, que se libertou de antigas deficiências, que conseguiu inverter a situação de opressão com relação aos elementos da natureza, que galgou uma nova forma de

organização dos sistemas de conhecimento e relação com a natureza... ainda assim não se faça dela o novo símbolo de opressão da humanidade. Sua função deve estar vinculada a necessidades e carências humanas e sociais, bem como suas limitações estão sugeridas pelas próprias deficiências e relatividades que caracterizam a humanidade. Quando, pelo poder criativo racional, científico ou filosófico, o homem quer fazer-se deus, aí se inicia sua investida contra si próprio por um poder que não possui, ou seja, o poder de controlar variáveis. Ciência e filosofia são úteis, mas são feitas por humanos e para humanos, devendo contribuir nessa mesma medida da humanidade, em face da relatividade que a todos caracteriza.

Todavia, em verdade, o que tanto ciência como filosofia querem tratar são assuntos de interesse de todos, a saber: como curar o câncer?, ou, ainda, o que fazer para prevenir gastrite? (ciência); por que as coisas existem?, ou, ainda, qual o destino de todo homem? (filosofia). É desse infantilismo<sup>1</sup> que surge todo o pensar racional, de modo que toda a origem do conhecimento dá-se apoiada em experiências humanas de senso comum; deve-se grifar o fato de que o saber vulgar, seguido da estupefação e pelo desejo de saber, é a matriz de todo conhecimento científico ou filosófico.

Quando, porém, se trata da questão do saber vulgar como uma etapa vencida da humanidade, ou como um saber de segunda categoria, com relação aos saberes científico e filosófico, há uma grande perda. Isso porque filosofia e ciência passam a irmanar-se no exercício de uma prática que recai sempre sobre o mesmo auditório de interessados, ou seja, constroem-se conceitos e inova-se em conhecimentos, direcionando-se esses aperfeiçoamentos para um conjunto de conhecedores da matéria sobre a qual se versa. Há nisso certa mentalidade elitista e antidemocrática mascaradas na pretensa distância do

---

<sup>1</sup>Pode parecer estranho utilizar-se da palavra infantilismo em meio a um Curso de Filosofia, mas leia-se o que diz Manuel Garcia Morente a esse respeito: "O filósofo necessita, pois, uma primeira dose de infantilidade, uma capacidade de admiração, que o homem já feito, que o homem já enrijecido, encanecido, não costuma possuir" (Morente, Fundamentos de filosofia, 1980, p. 36).

saber vulgar com relação aos saberes científico e filosófico, em parte, por culpa dos próprios cientistas e filósofos. Criam-se mitos onde estes não existem, criam-se fetiches onde estes não existem..., tudo em função da dicotomização dos saberes, que, em lugar de se somarem, dividem-se e excluem-se.

Essa minoração de auditório dos cientistas e dos filósofos faz com que os discursos científico e filosófico tornem-se cada vez mais rebuscados e sutis em seu alcance técnico, voltando-se sempre para suas próprias produções, afastando-se, portanto, de seu compromisso com a sociedade em geral, a qual se encontra sempre à revelia das discussões em debate. Um discurso médico ou jurídico sem qualquer alcance social, ou sem alcance externo aos viciados circuitos em que normalmente circulam, é um discurso que se volta para si mesmo. A missão elucidativa das ciências e da filosofia acaba, nesse ínterim, corrompendo-se, abandonada que está sua ligação com realidades externas ao próprio pensar racional.

Deve-se, portanto, atentar para o fato de que a transparência deve chamar mais a atenção dos produtores de conhecimentos específicos. Deve-se propor que ambas as experiências, a experiência dos saberes científico e filosófico e a experiência do senso comum, convivam lado a lado, abolindo-se os preconceitos normalmente aceitos como impeditivos de um diálogo entre ambas as linguagens; convivendo, somente vantagens maiores poderão advir desse relacionamento<sup>2</sup>.

Os preconceitos, tradicionalmente sedimentados, estão a bloquear qualquer tentativa de aproximação de ambas as experiências. Costuma-se pensar e admitir que as impressões do senso comum são falsas e que as

---

<sup>2</sup> É interessante perceber que todo o conjunto dos tratados de Aristóteles vem construído com base em diversas fontes de conhecimento: de um lado, as eruditas, como a literatura grega, a filosofia pré-socrática, os textos históricos..., de outro lado, as informais, como a narrativa dos pescadores, os dizeres populares, os conceitos normalmente aceitos, as designações dos agricultores... Percebe-se que se valorizam todas as fontes de conhecimento, mas de modo crítico, aproveitando-se de cada uma o que é digno de atenção e respeito. Isto é prova de que as fontes eruditas podem conviver com as fontes informais.

construções da ciência e da filosofia são impermeáveis. Está criada a inviabilidade de comunicação; ambos os polos de difusão de sentido estão prevalorando as experiências advindas do polo oposto.

O resultado dessa situação é o que se vê em todas as partes: o senso comum diz, a ciência e a filosofia devem desdizer; o senso comum teme, a filosofia deve espantar o temor; o senso comum intui, a ciência e a filosofia banalizam; o senso comum aceita, a filosofia e a ciência repelem; a filosofia e a ciência dizem, o senso comum repele como ditames incompreensíveis, ou como assunto para especialistas...

O que se deve propor a essa altura da discussão é a conjugação de ambas as experiências, por meio de um diálogo contínuo e informativo, de modo que se forme um circuito possível de intercâmbio e de relações. Quer-se dizer que, como forma de superar uma crise de comunicação secular, devem-se instituir canais de difusão e informação em que se priorizem a acessibilidade e a expansão das conquistas específicas da ciência e da filosofia. O empecilho da linguagem não pode constituir-se em barreira para o cumprimento da função social dos saberes.

## Capítulo 2

# Sócrates: Ética, Educação, Virtude e Obediência

(Eduardo Bittar)

### 2.1 FILOSOFIA SOCRÁTICA E TESTEMUNHO ÉTICO

A respeito de Sócrates (469-399 a.C.) e de sua contribuição filosófica muito já se discutiu<sup>1</sup>. Sua vivência foi sua obra, e seu testemunho, grande contribuição ética e filosófica<sup>2</sup>. Sócrates conviveu com o povo ateniense do século V a.C. (século de Péricles), em plena glória da civilização grega na Antiguidade, e nas praças públicas (agorá) e no solo da cidade (pólis) inscreveu seu método e suas preocupações. É, sem dúvida alguma, divisor de águas para a filosofia antiga, sobretudo pelo fato de situar seu campo de especulações não na cosmovisão das coisas e da natureza, mas na natureza humana e em suas implicações ético-sociais. É, de fato, interagindo e reagindo ao movimento dos sofistas que faz de seu pensamento um marco na história da ética. Erigiu uma linha de pensamento autônoma e originária que se voltasse contra o despotismo das palavras que se havia instaurado nesse período da história grega, sobretudo por força da atuação dos sofistas.

Seu método maiêutico, baseado na ironia e no diálogo, possui como finalidade a parturição de ideias, e como inspiração a parturição da vida, uma vez que Fenareta, sua mãe, era parteira. Isso porque todo erro é fruto da ignorância, e toda virtude é conhecimento; efetuar a parturição das ideias é

---

<sup>1</sup> Para uma acabada noção da amplitude do problema socrático, consulte-se a obra de Vasco Magalhães-Vilhena, *O problema de Sócrates: o Sócrates histórico e o Sócrates de Platão*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1984.

<sup>2</sup> Para maiores detalhes a respeito da vida de Sócrates e de suas perambulações, deve-se consultar a obra de René Kraus, *Sócrates*. Rio de Janeiro: Vecchi, 1960.

tarefa primordial do filósofo, a fim de despertar nas almas o conhecimento. Daí a importância de reconhecer que a maior luta humana deve ser pela educação (paideia), e que a maior das virtudes (areté) é a de saber que nada se sabe<sup>3</sup>.

A abnegação pela causa da educação das almas, bem como pelo bem da cidade,<sup>4</sup> representou, como testemunho de vida, senão o maior, ao menos um dos maiores exemplos históricos de autoconfiança e de certeza do que dizia: condenado a beber cicuta pelo tribunal ateniense, não se furtou à sentença e curvou-se ante o desvario decisório dos homens de seu tempo. A acusação que pendia sobre sua cabeça era a de que estaria corrompendo a juventude e cultuando outros deuses e, não obstante ter-se dedicado a vida inteira a pregar o contrário disso, resignou-se à injustiça de seus acusadores, em nome do respeito à lei que a todos regia em Atenas. Isso porque a obediência à lei era para esse pensador o limite entre a civilização e a barbárie;<sup>5</sup> onde residem as ideias de ordem e coesão, pode-se dizer garantida a existência e manutenção do corpo social. Isso haveria de influenciar profundamente o pensamento de seu discípulo, Platão, em seu afastamento da política e em sua decepção com a justiça humana.

Baseando-se nessas noções primordiais, pode-se discutir qual o significado da justiça e da ética para Sócrates.

---

<sup>3</sup> “De forma que eu, em nome do oráculo, indaguei a mim mesmo se deveria permanecer tal como era, nem sabedor de minha sabedoria nem ignorante de minha ignorância, ou ser ambas as coisas, como eles, e respondi a mim e ao oráculo que convinha continuar tal qual eu era” (Platão, Apologia de Sócrates, trad., 1999, p. 73).

<sup>4</sup> “El cuidado de si mismo es, indisolublemente, cuidado de la ciudad y los demás, como lo vemos en el ejemplo del propio Sócrates, cuya razón de vivir es ocuparse de los demás” (Hadot, Que és la filosofia antigua?, 1998, p. 50).

<sup>5</sup> No Criton, diálogo entre os primeiros de Platão, há uma indicação da importância que ele dá às leis como limite à barbárie. Se os homens erram ao aplicá-las – como fizeram com Sócrates quando o condenaram –, nem por isso elas devem ser quebradas, dado o poder de obediência que têm e sua validade para todos. A lei estende seu manto igualando os homens como cidadãos, apesar de preservar a diferença entre eles, de tal modo que, na igualdade e na diferença, possa transparecer um todo harmônico, logo justo, porque pleno de limites necessários à convivência” (Andrade, Platão: o cosmo, o homem e a cidade, 1993, p. 206-207).

## 2.2 ÉTICA SOCRÁTICA

O pensamento socrático é profundamente ético. Reveste-se, em todas as suas latitudes, de preocupações ético-sociais, envolvendo-se em seu método maiêutico todo tipo de especulação temática impassível de solução (o que é a justiça?; o que é o bem?; o que é a coragem?...), o que aparece retratado nos diálogos platônicos, sobretudo na Apologia de Sócrates (Platão), uma das únicas fontes de referência escrita a respeito da filosofia socrática, ao lado dos Ditos e feitos memoráveis de Sócrates (Xenofonte), da Apologia de Sócrates (Xenofonte) e da peça teatral As nuvens (Xenócrates). O que se conhece de Sócrates é, portanto, mais fruto de leitura dos diálogos platônicos que de uma obra por ele escrita. Desses diálogos, por vezes, extraem-se muito menos respostas e muito mais perguntas, e, assim mesmo, seu valor é inestimável para a história da filosofia, sobretudo tendo-se em vista que com Sócrates a filosofia converteu-se num éthos.

Isso porque a filosofia socrática possui um método, e esse método faz o filósofo, como homem, radicar-se em meio aos homens, em meio à cidade (pólis). É do convívio, da moralidade, dos hábitos e práticas coletivas, das atitudes do legislador, da linguagem poética... que surgem os temas da filosofia socrática. Pode-se mesmo dizer que o modo de vida socrático e a filosofia socrática não se separam. Pelo contrário, a filosofia socrática reafirma-se pelo exemplo de vida de Sócrates; na mesma medida, a doutrina ética e o ensino ético de Sócrates retiram-se de seu testemunho de vida, corporificado que está em seus atos e palavras.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup>“Quanto à justiça, longe de ocultar sua opinião, manifestava-a por meio de atos: no particular de sua casa era todo retidão e afeto; como cidadão, todo obediência aos magistrados em tudo o que exige a lei, quer na cidade, quer nos exércitos, onde o guiava seu espírito de disciplina. Ao presidir, na qualidade de epístata, os congressos populares, impediu o povo de votar contra as leis e, nelas amparado, resistiu à fúria do populacho que nenhum outro teria coragem de enfrentar. Quando os Trinta lhe davam ordens contrárias às leis, não as acatava. Assim, ao lhe proibirem de palestrar com os jovens e o encarregarem, juntamente com outros cidadãos, de conduzir um homem que pretendiam assassinar, só ele se recusou a obedecer, porque tais ordens eram ilegais” (Xenofonte. Ditos e feitos memoráveis de Sócrates. In: Sócrates, livro II, cap. 4, p. 243 [Os pensadores])

Sócrates, em verdade, pode ser dito o iniciador da filosofia moral e o inspirador de toda uma corrente de pensamento. Em verdade, sua contribuição surge como uma forma de antagonismo: (a) aos sofistas, pensadores da verve vocabular e da doutrina do relativismo das coisas, que gozavam de alta reputação nos meios intelectuais atenienses, cobrando pagamento por seus ensinamentos daqueles que acorriam para suas palestras, e que, em função disso, eram chamados de prostituídos por Sócrates;<sup>7</sup> (b) à cosmologia filosófica dos pré-socráticos, que especulavam a respeito da natureza, dos astros, das estrelas, da origem do universo, do quinto elemento, da constituição última das coisas.<sup>8</sup> Assim, há que se dizer que Sócrates é referência primordial na filosofia grega (filosofia pré-socrática/filosofia socrática/ filosofia pós-socrática), exatamente pela ruptura que provocou com a tradição precedente e com os ensinamentos predominantes de seu tempo.

O conhecimento, para Sócrates, reside no próprio interior do homem. Conhecendo-se a si mesmo, pode-se conhecer melhor o mundo (*gnôite autós*, grego; *nosce te ipsum*, latim). A isso se adiciona o fato de Sócrates ter vislumbrado na linguagem um grande manancial de dúvidas que gerou o fulcro da necessidade de depuração lógico-semântica do que se diz, o que era exercitado em praça pública, com discípulos ou terceiros, por meio da parturição discursiva das ideias.<sup>9</sup> Assim, é que, adotando essa metodologia de pensamento, granjeou inúmeros discípulos, assim como um sem-número de inimigos, que mais tarde haveriam de reunir forças para sustentar sua condenação popular. De qualquer forma, porém, marcou sua presença nas ruas de Atenas pelo conteúdo de suas lições, flagrantemente opostas à ordem prevaiente de ideias nos meios intelectuais de seu tempo. Isso porque, para Sócrates, o respeito às normas vigentes, a vinculação do filósofo com a busca

---

<sup>7</sup> "O mesmo sucede em relação à sabedoria: os que com ela traficam com quem lha queira pagar se chamam sofistas ou prostituídos" (Xenofonte. Op. cit. p. 113).

<sup>8</sup> Por isso não se pode creditar fé na figura criada por Xenócrates em *As nuvens* para ilustrar Sócrates ensinando a seus discípulos de cima de um cesto suspenso no ar, qual se se tratasse de um pré-socrático, mais preocupado com as coisas do céu do que com as coisas da terra.

<sup>9</sup> Zeller, Édouard. *La philosophie des grecs considérée dans son développement*, Paris, 1884.

da verdade, o engajamento do cidadão nos interesses da sociedade, entre outros ensinamentos, aparecem como postulados perenes de seu pensamento, que haveriam de golpear fatalmente o relativismo e lançar os gérmenes de novos sistemas filosóficos, como o platônico, o aristotélico e o estóico.<sup>10</sup>

Assim é que, em poucas palavras, o ensinamento ético de Sócrates reside no conhecimento e na felicidade. Em primeiro lugar, ética significa conhecimento, tendo-se em vista que, ao praticar o mal, crê-se praticar algo que leve à felicidade, e, normalmente, esse juízo é falseado por impressões e aparências puramente externas.<sup>11</sup> Para saber julgar acerca do bem e do mal, é necessário conhecimento, este sim verdadeira sabedoria e discernimento. O conhece-te a ti mesmo é esse mandamento que inscreve como necessária a gnose interior para a construção de uma ética sólida. Em segundo lugar, a felicidade, a busca de toda a ética, para Sócrates, pouco tem a ver com a posse de bens materiais ou com o conforto e a boa situação entre os homens; tem ela a ver com a semelhança com o que é valorizado pelos deuses, pois parecem estes ser os mais beatos dos seres.<sup>12</sup> O cultivo da verdadeira virtude, consistente no controle efetivo das paixões e na condução das forças humanas para a realização do saber, é o que conduz o homem à felicidade.<sup>13</sup>

---

<sup>10</sup> Tovar. Vida de Sócrates, 1953, p. 319.

<sup>11</sup> Hadot, Que és la filosofia antigua?, 1998, p. 46-47.

<sup>12</sup> Da discussão de Sócrates diante do sofista Antifão, relativa a suas posses e seu modo de trajar-se e conduzir, extrai-se que a felicidade não está nas posses materiais: "Pareces, Antifão, colocar a felicidade nas delícias e na magnificência. De mim, penso que de nada necessita a divindade. Que quanto menos necessidades se tenha, mais nos aproximamos dela. E como a divindade é a própria perfeição, quem mais se aproximar da divindade mais perto estará da perfeição" (Xenofonte, Op. cit. p. 113).

<sup>13</sup> "A verdadeira virtude é uma purificação de todas as paixões. O comedimento, a justiça, a força e a própria sabedoria são purificações, e é muito claro que aqueles que estabeleceram as iniciações místicas não eram personagens desprezíveis, mas sim grandes gênios que, desde os primórdios, desejaram nos fazer compreender sob esses enigmas que aquele que for ao Hades sem ser iniciado e purificado será jogado na lama, e que aquele que chegar após as expiações, purificado e iniciado, será recebido entre os deuses" (Platão, Fédon, trad., 1999, p. 131).

## 2.3 PRIMADO DA ÉTICA DO COLETIVO SOBRE A ÉTICA DO INDIVIDUAL

A ética socrática impõe respeito, seja por sua logicidade, seja por seu caráter. É certo que, se Sócrates desejasse, poderia ter fugido à aplicação da pena de morte que lhe havia sido imposta, e os discípulos a seu lado estavam para auxiliá-lo e acobertá-lo. No entanto, a ética do respeito às leis, e, portanto, à coletividade, não permitia que assim agisse. E também, se durante toda a sua vida distinguiu-se por seguir os conselhos dos deuses, não seria no momento de sua morte que os desobedeceria, negando seu destino de união com a cidade (pólis) e com a constituição (politeía). De fato, é o que afirma Xenócrates:

“A ela renunciando demonstrou todo o vigor de sua alma, cobrindo-se de glória tanto pela verdade, desprendimento e justiça de sua defesa, quanto pela serenidade e coragem com que recebeu a sentença de morte” (Xenócrates, Ditos e feitos memoráveis de Sócrates. [Os pensadores] In: Sócrates, trad. Mirtes Coscodai, livro II, cap. 8, p. 265).

Sócrates, de fato, dedicou-se a um valor absoluto, e por ele lutou até o ponto de renunciar à própria vida.<sup>14</sup> E isso porque a ética socrática não se aferra somente à lei e ao respeito dos deveres humanos em si e por si. Transcende a isso tudo: inscreve-se como uma ética que se atrela ao porvir (post mortem). A filosofia socrática, não se omite essa importante contribuição de seu pensamento, prepara para o bem viver após a morte. Isso significa dizer que nem toda virtude proclamada como tal perante os homens há de ser considerada virtude perante os deuses. Isso ainda significa dizer que a verdade, a virtude e a justiça devem ser buscadas com vista em um fim maior, o bem viver post mortem. E não há outra razão pela qual se deseje filosofar se não

---

<sup>14</sup> “En efecto, podemos decir que un valor es absoluto para un hombre cuando esta dispuesto a morir por él. Tal es precisamente la actitud de Sócrates cuando se trata de ‘lo que es mejor’, es decir de la justicia, del deber, de la pureza moral” (Hadot, Que és la filosofia antiga?, 1998, p. 47).

a de preparar-se para a morte.<sup>15</sup>

Para Sócrates, a morte representa apenas uma passagem, uma emigração, e a continuidade há de ensinar quais valores são acertados, quais são errôneos.<sup>16</sup> Se a vida é uma passagem, é porque a morte não interrompe o fluxo das almas, que preexistem e subsistem ao corpo.<sup>17</sup> Não é a efêmera vida o começo e o fim de tudo, mas apenas parte de um trajeto.<sup>18</sup> Ao homem é lícito especular a respeito, porém a certeza do que será somente os deuses possuem.<sup>19</sup> Veja-se como se expressa, a esse respeito, Fédon:

“– Naquele dia, minhas impressões foram de fato estranhas, pois, em vez de condoer-me da morte de um amigo a quem eu

---

15 “Esquece-o – respondeu Sócrates. – É chegado o momento que eu exponha a vós, que sois meus juízes, as razões que me convencem de que um homem, que haja se dedicado ao longo de toda sua existência à filosofia, deve morrer tranquilo e com a esperança de que usufruira, ao deixar esta vida, infinitos bens. Procurarei dar-vos provas disso, ó Simias e Cebes. Os homens não sabem que os verdadeiros filósofos trabalham durante toda sua vida na preparação de sua morte e para estar mortos; por ser assim, seria ridículo que, depois de ter perseguido este único fim, sem descanso, recuassem e tremessem diante da morte” (Platão, Fédon, trad., 1999, p. 124).

16 “Façamos mais esta reflexão: há grande esperança de que isto seja um bem. Morrer é uma destas duas coisas: ou o morto é igual a nada, e não sente nenhuma sensação de coisa nenhuma; ou, então, como se costuma dizer, trata-se duma mudança, uma emigração da alma, do lugar deste mundo para outro lugar. Se não há nenhuma sensação, se é como um sono em que o adormecido nada vê nem sonha, que maravilhosa vantagem seria a morte!” (Platão, Apologia de Sócrates, trad., 1999, p. 95).

17 “Renascer, se existe um regresso da morte à vida – disse Sócrates –, é realizar esse regresso. Por este motivo nos persuadiremos de que os vivos nascem dos mortos, como estes daqueles, prova incontestável de que as almas dos mortos existem em algum lugar, de que retornam à vida” (Platão, Fédon, trad., 1999, p. 134).

18 “Então, preciso satisfazer-vos – respondeu Sócrates – e procurar fazer com que esta defesa seja mais eficiente entre nós do que o foi aquela na frente dos juízes. Em verdade, Símias, e tu, Cebes, se eu não cresse encontrar na outra vida deuses bons e sábios e homens melhores que os daqui, seria inconcebível não lamentar morrer. Sabei, no entanto, que espero juntar-me a homens justos e deuses muito bons. Eis por que não me aflijo com a minha morte; morrerrei tendo a esperança de que existe alguma coisa depois desta vida e de que, de acordo com a antiga tradição, os bons serão mais bem tratados que os maus” (Platão, Fédon, trad., 1999, p. 123).

19 “Bem, é chegada a hora de partimos, eu para a morte, vós para a vida. Quem segue melhor destino, se eu, se vós, é segredo para todos, exceto para a divindade” (Platão, Apologia de Sócrates, trad., 1999, p. 97).

estimava tanto, tive a impressão de que seu destino fosse ditoso, porque eu me encontrava junto a um homem feliz, amigo Equécrates, feliz por seu comportamento, pelas palavras que proferia e pela coragem e serenidade com que faleceu. Conseguiu até mesmo convencer-me de que não iria para o Hades sem alguma ajuda divina, mas que, lá embaixo, desfrutaria uma felicidade que nunca ninguém desfrutara. Por este motivo não senti pesar algum, como seria normal num semelhante, mas também não experimentei a satisfação que experimentava quando conversávamos sobre filosofia, já que o assunto daquela conversação tinha tal caráter. A consciência de que aquele homem estava para morrer causava em mim uma extraordinária mistura de pesar e satisfação, e o mesmo ocorria com todos que ali se encontravam. Todos nós ríamos e chorávamos, em especial modo um de nós, Apolodoro, que, com certeza, tu conheces” (Platão, Fédon, trad., 1999, p. 118).

A certeza socrática quanto ao porvir é a mesma que o movimentava para agir de acordo com a lei (nómos). Sócrates está plenamente cômico de que a nómos é fruto do artifício humano, e não da natureza.<sup>20</sup> E mesmo assim ensina a obediência irrestrita.

Isso porque Sócrates vislumbra nas leis um conjunto de preceitos de obediência incontornável, não obstante possam estas serem justas ou injustas. O direito, pois, aparece como um instrumento humano de coesão social, que visa à realização do Bem Comum, consistente no desenvolvimento integral de todas as potencialidades humanas, alcançável por meio do cultivo das virtudes. Em seu conceito, que nos foi transmitido pelos diálogos platônicos de primeira geração, as leis da cidade são inderrogáveis pelo arbítrio da vontade humana.

É perceptível a transição do pensamento dos sofistas para o de Sócrates. Enquanto os primeiros relevaram a efemeridade e a contingência das leis variáveis no tempo e no espaço, Sócrates empenhou-se em restabelecer para a

---

<sup>20</sup> Cf. Guthrie, Os sofistas, 1995, p. 74.

cidade o império do ideal cívico, liame indissociável entre indivíduo e sociedade.

E, no entanto, foi justamente durante o governo de restauração democrática que foi condenado à morte. É exatamente nesse momento, em que se comemorava a vitória contra a oligarquia dos Trinta Tiranos de Esparta, após a Guerra do Peloponeso (431-404 a.C.), que deveria primar pela liberdade e pela restauração de concepções mais democráticas de justiça, que Sócrates foi acusado e condenado. A acusação de seus antagonistas já era esperada; não se esperava o julgamento favorável à demanda, condenatório de Sócrates.

Sócrates sabia que, durante seus anos de lição, havia despertado a animosidade em muitos daqueles que interpelara por meio da dialética e da maiêutica, de modo que estava plenamente consciente desse fato quando de sua defesa perante o tribunal.<sup>21</sup> Elaborou sua defesa, em que contraditou os argumentos de seus adversários, mas ainda assim foi condenado a beber cicuta por negar as divindades da cidade criando outras, além de corromper a juventude com seus ensinamentos.<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> “Em virtude desta pesquisa, fiz numerosas e perigosíssimas inimizades, e a partir destas inimizades surgiram muitas calúnias, e entre as calúnias, a fama de sábio, porque, toda vez que participava de uma discussão, as pessoas julgavam que eu fosse sábio naqueles assuntos em que somente punha a descoberto a ignorância dos demais. A verdade, porém, é outra, ó atenienses: quem sabe é apenas o deus, e ele quer dizer, por intermédio de seu oráculo, que muito pouco ou nada vale a sabedoria do homem, e, ao afirmar que Sócrates é sábio, não se refere propriamente a mim, Sócrates, mas só usa meu nome como exemplo, como se tivesse dito: ‘Ó homens, é muito sábio entre vós aquele que, igualmente a Sócrates, tenha admitido que sua sabedoria não possui valor algum’. É por esta razão que ainda hoje procuro e investigo, de acordo com a palavra do deus, se existe alguém entre os atenienses ou estrangeiros que possa ser considerado sábio e, como acho que ninguém o seja, venho em ajuda ao deus provando que não há sábio algum. E tomado como estou por esta ânsia de pesquisa, não me restou mais tempo para realizar alguma coisa de importante nem pela cidade nem pela minha casa, e levo uma existência miserável por conta deste meu serviço ao deus” (Platão, Apologia de Sócrates, trad., 1999, p. 73).

<sup>22</sup> Coloca-se a seu favor Xenofonte, no exame que faz da situação e da acusação que pendia sobre Sócrates: “O que da mesma forma me assombra é o haver penetrado em certos espíritos a ideia de que Sócrates corrompia os jovens, Sócrates que, à parte o que foi dito, era o mais moderado dos mortais a respeito dos prazeres dos sentidos como da mesa, o mais insensível ao frio, ao calor, às fadigas de todo tipo e tão sóbrio que lhe bastava seu minguado pecúlio. Com tais qualidades, como poderia ter desencaminhado os outros à crueldade, à libertinagem, ao ócio? Ao contrário, não afastou muitos homens desses vícios, tornando-os amantes da virtude e infundindo-lhes a esperança de, por meio da fiscalização de si mesmos, virem a ser um dia virtuosos?” (Xenofonte, Op. cit. p. 85).

Que duvidosa e incerta democracia vivia a Atenas do século V-IV a.C., tendo-se em vista que foi a própria cidade (pólis) que elegera como lugar de ensino que condenou Sócrates à morte?<sup>23</sup> As leis que havia ensinado a obedecer, contra ele se voltaram. Tal condenação só veio a demonstrar a relatividade de todo julgamento humano não lastreado no verdadeiro senso de justiça, prova da própria imperfeição das leis atenienses da época.

Não obstante a injustiça do julgamento a que deram causa as acusações de Meleto, Anito e Licon, Sócrates submeteu-se serenamente à sentença condenatória, deixando entrever a seus discípulos mais um importante e supremo ensinamento: o valor da lei como elemento de ordem do todo. Se em sua defesa poderia ter aduzido fatos, discursos, palavras que mitigassem a ira dos juízes contra si, em vez de tentar conquistar a piedade e o favoritismo humanos, impugnou pela verdade, e em momento algum renunciou à causa que já havia abraçado como missão atribuída pelos deuses.<sup>24</sup> No entanto, apesar de não ter tentado seduzir o corpo de juízes que o julgavam, provou à sociedade que seus ensinamentos não corrompiam a juventude e nem contrariavam o culto tradicional dos deuses.<sup>25</sup>

No lugar de proteger-se com palavras emotivas, replicou aos que lhe queriam imputar crimes por ele não cometidos, certo de que não deveria proteger-se, pois sua vida havia sido o maior dos testemunhos de justiça, felicidade e retidão. Assim testemunha Xenofonte a seu respeito:

“Mas Hermógenes, filho de Hipônimo e amigo de Sócrates, deu a esse respeito pormenores que mostram que o teor da linguagem coadunava perfeitamente com o de suas ideias. Relatava que, vendo-o discorrer a respeito de assuntos [...]

---

<sup>23</sup> A respeito do julgamento de Sócrates, consulte-se Stone. O julgamento de Sócrates, 1988.

<sup>24</sup> “Ao ouvir tais palavras os juízes murmuraram, uns de incredulidade, outros de inveja da predileção que lhe dedicavam os deuses. Prosseguiu Sócrates: ‘Ouvi mais isto, para que os que o desejam tenham mais um motivo para não acreditar no favor com que me honraram as divindades. Um dia em que, em presença de numerosa assistência, Querefonte interrogava a meu respeito o oráculo de Delfos, respondeu Apolo não haver homem mais sensato, independente, justo e sábio do que eu.’ Como era de esperar, a estas palavras os juízes fizeram ouvir murmúrio maior ainda” (Xenofonte, Op. cit. p. 276).

completamente alheios ao seu processo, dissera-lhe:

– Não deverias, Sócrates, pensar em tua apologia?

Ao que lhe respondeu Sócrates:

– Não te parece que lhe consagrei toda a minha vida?

Ao ser indagado por Hermógenes de que maneira:

– Vivendo sem cometer injustiça alguma, o que é, a meu aviso, a melhor maneira de preparar uma defesa.

Tomara Hermógenes:

– Não vês que, melindrados com a defesa, fizeram os juízes de Atenas morrer muitos inocentes e absolveram muitos culpados cuja linguagem lhes despertara a piedade ou lhes lisonjeara os ouvidos?

– Por duas vezes – dissera Sócrates – tentei preparar uma apologia; contudo, a isso se opôs meu demônio.

Estranhando-lhe a linguagem, respondera Sócrates: – Por que te assombra, se julgam os deuses mais vantajoso para mim deixar a vida desde já? Não sabes que, até o presente, homem algum viveu melhor e mais feliz que eu? Agrada-me haver sempre vivido na devoção e na justiça” (Xenofonte, Apologia de Sócrates. In: Sócrates, livro I, p. 271-272 [Os Pensadores]).

---

<sup>25</sup> “Diante disso, como é possível que a alguns agrade estar comigo tanto tempo? Vós ouvistes, ó cidadãos, que eu disse toda a verdade: têm prazer de ouvir-me quando submeto à prova aqueles que pensam serem sábios e não o são. Com efeito, não é desagradável. Ao fazer isso, repito-vos, cumpro as ordens do deus, dadas por intermédio de vaticínios e sonhos, e por outros meios de que se serve a providência divina para ordenar ao homem que faça alguma coisa. E estas coisas, ó atenienses, são verdadeiras e demonstráveis. Se de fato eu corrompo os jovens, se já corrompi algum, seria ainda necessário que estes, ao envelhecerem, tomassem consciência de que quando eram jovens eu os aconselhei a praticar o mal, e que viessem à tribuna para acusar-me e para exigir minha punição, e, se não quisessem fazê-lo diretamente, que enviassem hoje para cá as pessoas de sua família, pais, irmãos e outros, se os que lhes são caros sofreram algum mal por mim causado, e que me fizessem pagar por isso” (Platão, Apologia de Sócrates, trad., 1999, p. 86).

E ainda, às vésperas da execução da sentença, negando ao apelo de Críton, discípulo que viera ao cárcere propor-lhe a evasão da prisão, Sócrates pôde consolidar sua doutrina e demonstrar a solidez de seu sistema filosófico. Antes ser condenado à morte por uma sentença injusta do que ser condenado à morte por uma sentença justa, afirma:

“Acompanhava-o certo Apolodoro, alma simples e profundamente afeiçoada a Sócrates, que lhe disse:

– Não posso aguentar Sócrates ver-te morrer injustamente.

Então, dizem que, passando-lhe de leve a mão pela cabeça, Sócrates respondeu:

– Meu caro Apolodoro, então preferias ver-me morrer justamente?” (Xenofonte, Apologia de Sócrates. In: Sócrates, livro III, p. 281 [Os Pensadores]).

Dessa forma, não procurando revidar o injusto corporificado na sentença condenatória com outro ato de injustiça para com a cidade, Sócrates consagrou valores que foram, posteriormente, absorvidos por Platão e por Aristóteles. O homem enquanto integrado ao modo político de vida deve zelar pelo respeito absoluto, mesmo em detrimento da própria vida, às leis comuns a todos, às normas políticas (nómos póleos). O homem, assim radicado naturalmente na forma de vida comunitária, tem como dever o cumprimento de seu papel como cidadão participativo, e, assim, integrado nos negócios públicos, deve buscar a manutenção da sacralidade e da validade das instituições convencionadas que consentem o desenvolvimento da harmonia comunitária.

O ato de descumprimento da sentença imposta pela cidade representava para Sócrates a derrogação de um princípio básico do governo das leis: a eficácia. A eficácia das leis comprometida, a desordem social haveria de reinar como princípio, uma vez que cada qual cumpriria ou descumpriria as regras sociais de acordo com suas convicções próprias; mas, para Sócrates, o débito social é incontornável.<sup>26</sup> Sua atitude serviria de exemplo para que outros também se esquivassem do cumprimento de seus deveres legais perante a

cidade, o que equivaleria a solapar as estruturas da cidade-estado, reerguida sob a égide do governo de Sólon que havia instituído a isonomia entre os cidadãos.

A inderrogabilidade do valor das leis ganhou força de princípio dogmático, coercitivo e vinculativo para todo aquele que se pudesse considerar um bom cidadão, um cidadão virtuoso. A justiça política, que se fazia viva por meio das leis positivas, representou entre os gregos, e mesmo entre outros povos da Antiguidade, a orientação da vida do próprio indivíduo.

Amplamente restritivas da liberdade individual, as leis de algumas cidades intercediam profundamente na vida privada dos indivíduos. Em Esparta, por exemplo, o que ocorria é que, desde o nascimento até a morte do cidadão, o paternalismo das leis exprimia-se por um conjunto de disposições que norteavam a educação, a disciplina, a forma do convívio e outros valores sociais, no sentido de aperfeiçoamento não só da parte, mas do todo à qual está indissociavelmente ligada.<sup>27</sup>

Sócrates serviu-se de sua própria experiência para fazer com que a verdade acerca do justo e do injusto viesse à tona.<sup>28</sup> A lei interna que encontra guarida no interior de cada ser, lei moral por excelência, poderia julgar acerca da justiça ou da injustiça de uma lei positiva, e a respeito disso opinar, mas esse juízo não poderia ultrapassar os limites da crítica, a ponto de lesar a

---

<sup>26</sup> “Vejamos se assim entendes melhor. Se no instante de nossa fuga, ou como queres denominar nossa saída, as leis da República nos dissessem: ‘Sócrates, o que vais fazer? Executar teu plano não significa aniquilar-nos completamente, sendo que de ti dependem as leis da República e as de todo o Estado? Acreditas que um Estado pode subsistir se as suas sentenças legais não têm poder e, o que é mais grave, se os indivíduos as desprezam e aniquilam?’ Que responderíamos, Críton, a essas e a outras acusações semelhantes? Quantas coisas não poderiam ser ditas, até mesmo por um retórico, a respeito do aniquilamento dessa lei que exige o cumprimento das sentenças emitidas? Porventura responderíamos que a República foi injusta e nos julgou mal? É isso que diríamos?” (Platão, Críton, trad., 1999, p. 109).

<sup>27</sup> Ver Tovar, Vida de Sócrates, p. 321 e 322. Também, nesse sentido “Traza limites y caminos (la ley), incluso en los asuntos más íntimos de la vida privada y de la conducta moral de sus ciudadanos” (Jaeger, Paideia, v. 1, p. 127).

<sup>28</sup> É o que diz a respeito Aloysio Ferraz Pereira, História da filosofia do direito, 1980, p. 37.

legislação política pelo descumprimento.<sup>29</sup> Em outras palavras, para Sócrates, com base num juízo moral, não se podem derogar leis positivas.<sup>30</sup> O foro interior e individual deveria submeter-se ao exterior e geral em benefício da coletividade.<sup>31</sup>

Assim, pode-se dizer que sua submissão à sentença condenatória representou não só a confirmação de seus ensinamentos, mas, também, a revitalização dos valores sócio-religiosos acordantes com os que foram a base da construção da própria cidade-estado grega, quando da transição de um estado gentílico ao político. Obedecer aos deuses era o mesmo que obedecer à cidade, e vice-versa.<sup>32</sup> Moralidade e legalidade caminham juntas para a realização do escopo social, dentro da ordem das leis divinas, as quais Sócrates insistia em sublinhar como parâmetro do correto julgamento do próprio ser.<sup>33</sup>

---

<sup>29</sup> "... temos em Sócrates o exemplo clássico do conflito entre a ordem objetiva e legal por ele considerada como expressão da justiça, e o seu sentimento subjetivo de que estava sendo injustiçado ao ser condenado à morte" (Cláudio de Cicco, *A justiça e o direito moderno*, Revista Brasileira de Filosofia, 1991, p. 147).

<sup>30</sup> "Possuímos', diriam, 'importantes provas de que nós e a República sempre te agradamos, porque permaneceste na cidade mais que qualquer outro ateniense e não houve espetáculo que te fizesse sair dela, salvo quando te dirigiste ao istmo de Corinto para assistir aos jogos. Nunca saíste exceto para expedições militares, e nunca fizeste viagem alguma como todos os cidadãos têm o hábito de fazê-lo, não tiveste a curiosidade de conhecer outras cidades e outras leis: nos amavas tanto e tão decidido estavas em viver a nossa maneira, que aqui tiveste teus filhos, testemunhos vivos de quanto isto te agradava, e até ao longo do teu processo poderias haver-te condenado ao exílio se o quisesses, e então fazer, com a anuência da tua cidade, o que pensas fazer apesar dela. Tu, que te declaravas indiferente ante a morte e que dizias que era preferível ao exílio, sem envergonhar-te com essa linguagem, sem nos respeitar, a nós, leis, intentas aniquilar-nos, ages como agiria o mais reles escravo e procuras salvar-te transgredindo a convenção que te obriga a viver como bom cidadão. Responde-nos então: dizemos a verdade quando afirmamos que te submeteste a esta convenção, não por palavras, mas de fato e de forma irrestrita?' O que responderíamos a isto e o que nos seria possível fazer exceto admiti-lo?" (Platão, *Críton*, trad., 1999, p. 111).

<sup>31</sup> Cf. Zeller, *La philosophie des grecs considérée dans son développement*, 1884, p. 38.

<sup>32</sup> "Algum de vós talvez pudesse contestar-me: 'Em silêncio e quieto, ó Sócrates, não poderias viver após ter saído de Atenas?' Isso seria simplesmente impossível. Porque, se vos dissesse que significaria desobedecer ao deus e que, por conseguinte, não seria possível que eu vivesse em silêncio, não acreditaríeis e pensaríeis que estivesse sendo sarcástico. Se vos dissesse que esse é o maior bem para o homem, meditar todos os dias sobre a virtude e acerca dos outros assuntos que me ouvistes discutindo e analisando a meu respeito e dos demais, e que uma vida desprovida de tais análises não é digna de ser vivida, se vos dissesse isto, acreditar-me-iam menos ainda" (Platão, *Apologia de Sócrates*, trad., 1999, p. 91).

<sup>33</sup> Platão, *Críton*, 43 b.

A atitude desprendida do filósofo relativamente a sua própria vida conferiu novo fôlego ao princípio do respeito às leis da cidade. Se essa decisão foi salutar, do ponto de vista político e ético, não foram poucos os motivos que inspiraram Sócrates em sua decisão, podendo-se enumerar, entre outros, os seguintes:

a) o momento histórico decadencial vivido pela mais célebre cidade-estado grega após haver sucumbido às forças espartanas na Guerra do Peloponeso, carecendo-se, portanto, de atitudes e posturas favoráveis à democracia e ao respeito às leis;

b) a concatenação da lei moral com a legislação cívica;

c) o respeito às normas e à religião que governavam a comunidade, no sentido do sacrifício da parte pela subsistência do todo;

d) a importância e imperatividade da lei em favor da coletividade e da ordem do todo;

e) a substituição do princípio da reciprocidade, segundo o qual se respondia ao injusto com injustiça, pelo princípio da anulação de um mal com seu contrário, assim, da injustiça com um ato de justiça;<sup>34</sup>

f) o reconhecimento da sobrevivência da alma, para um julgamento definitivo pelos deuses, responsável pelo verdadeiro veredito dos atos humanos.

## **CONCLUSÕES**

A filosofia socrática traduz uma ética teleológica, e sua contribuição consiste em vislumbrar na felicidade o fim da ação. Essa ética tem por fito a preparação do homem para conhecer-se, uma vez que o conhecimento é a base do agir ético; só erra quem desconhece, de modo que a ignorância é o maior dos males. Conhecer, porém, não é fiar-se nas aparências e nos enganos e desenganos humanos, e sim fiar-se no que há de verdadeiro e certo. Erradicar a ignorância, portanto, por meio da educação (paideia) é tarefa do filósofo, que, na certeza desses princípios, abdica até mesmo de sua vida para

re-afirmar sua lição e seu compromisso com a divindade. A lição de vida da ética socrática é já uma lição de justiça.

Portanto, um misterioso conjunto de elementos éticos, sociais e religiosos permearam os ensinamentos socráticos, que permaneceram como princípios perenes e modelares, apesar de não terem sido reduzidos a escrito,<sup>35</sup> mas que se transmitiram e se consubstanciaram principalmente no pensamento platônico, surtindo seus reflexos nas demais escolas que se firmaram na doutrina socrática.

Ao contrário de fomentar a desordem, o caos, a insurreição, sua filosofia prima pela submissão, uma vez que a ética do coletivo está acima da ética do indivíduo. Seu testemunho de vida bem provou essa convicção no acerto da renúncia em prol da cidade-estado (pólis). Onde está a virtude está a felicidade, e isso independentemente dos julgamentos humanos a respeito.

A condenação de Sócrates, além de ter-lhe propiciado a oportunidade de questionar com sua vida a justiça cidadina, também produziu sérios efeitos e deixou profundas marcas na história da filosofia. Platão, incorporando esse dilema, haverá de legá-lo com toda força para a posteridade.

---

<sup>34</sup> A esse respeito, *ibidem*, 54 c.

<sup>35</sup> A esse respeito diz Hannah Arendt: "Depõe muito a favor de Sócrates o fato de que só ele, entre todos os grandes pensadores – singular neste aspecto como em muitos outros –, jamais se tenha entregue ao trabalho de dar forma escrita a seus pensamentos: pois é óbvio que, por mais que um pensador se preocupe com o eterno, no instante em que se dispõe a escrever os seus pensamentos deixa de estar fundamentalmente preocupado com a eternidade e volta a sua atenção para a tarefa de legar aos pósteros algum vestígio deles" (A condição humana, 1988, p. 28).

## Capítulo 3

# Platão: Idealismo, Virtude e Transcendência Ética

(Eduardo Bittar)

### 3.1 VIRTUOSISMO PLATÔNICO E SOCRATISMO

A principal parte do conjunto de premissas socráticas vem desembocar diretamente no pensamento platônico. De fato, Platão (427-347 a.C.), o discípulo mais notável de Sócrates e o fundador da Academia, por meio de seus diálogos Fedro e República (livros IV e X), que especificamente abordam a questão, desenvolve com acuidade os mesmos pressupostos elementares do pensamento socrático: a virtude é conhecimento, e o vício existe em função da ignorância. Ao raciocínio socrático somam-se as influências egípcia, pitagórica e órfica, que acabam por torná-lo um pensamento peculiar. De qualquer forma, em sua exposição do problema ético ressalta-se, sobretudo, o entrelaçamento das preocupações gnoseológicas, psicológicas, metafísicas e éticas propriamente ditas.<sup>1</sup>

Toda a preocupação filosófica platônica decorre não de uma vivência direta e efetiva em meio às coisas humanas. Todo o sistema filosófico platônico é decorrência de pressupostos transcendentais, quais a alma, a preexistência da alma, a reminiscência das ideias, a subsistência da alma...<sup>2</sup> O que há é que diferentemente da proposta de Sócrates, distancia-se da política e do seio das atividades prático-políticas. Se Sócrates ensinava nas ruas da cidade, Platão,

<sup>1</sup> "A relação entre a psicologia e a ética é exposta em dois diálogos: no livro IV da República e no Mito do Cocheiro, no Fedro" (Chauí, Introdução à história da filosofia, 1994, v. I, p. 214).

<sup>2</sup> "E concordamos também que, quando o conhecimento chega de certa maneira, é uma recordação. Ao dizer de certa maneira, quero dizer por exemplo, que quando um homem, vê ou ouve alguma coisa, ou percebe-a por qualquer um de seus outros sentidos, não conhece apenas a coisa que chama a sua atenção, mas, ao mesmo tempo, pensa em outra que não depende de sua maneira de conhecer, mas de uma diferente. Não afirmamos que esse homem lembra o que surgiu em sua imaginação" (Platão, Fédon, 1999, p. 136).

decepcionado com o governo dos Trinta Tiranos e com o golpe que a cidade desferiu contra a filosofia, ensinara num lugar apartado, no recôndito onde o pensamento pode vagar com tranquilidade, e onde se pode desenvolver um modo de vida ao mesmo tempo que preocupado com a cidade, dela, de suas corrupções, torpezas e problemas, distante: a Academia.<sup>3</sup>

Sócrates via na prudência (*phrónesis*) a virtude de caráter fundamental para o alcance da harmonia social. E a prudência estava incorporada a seu método de ensinar e ditar ideias, com vistas à realização de uma educação (*paideia*) cidadã. Quando a condenação de Sócrates firmou a hostilidade da cidade ao filósofo, à qual era inerente a politicidade do convívio, iniciou-se um processo acadêmico de distanciamento da cidadania participativa; esta era a derrocada do ideal de perfeição democrática.

O que há é que a prudência (*phrónesis*) socrática converte-se em vida teórica (*bios theorétikos*). Esta, declarada como a melhor das formas de vida, entre as possíveis e desejáveis formas de vida humana (filósofo, cavaleiro, artesão), passou a servir de modelo de felicidade humana. Tudo isso com base na tripartição da alma da seguinte forma: alma logística, correspondendo à parte superior do corpo humano (cabeça), à qual se liga a figura do filósofo; alma irascível, correspondendo à parte mediana do corpo humano (peito), caracterizada pela coragem como virtude cavalheiresca; alma apetitiva, correspondendo à parte inferior do corpo humano (baixo ventre), à qual se ligam os artesãos, os comerciantes e o povo.

Às potências da alma (*psyché*) humana vinculam-se, portanto, aos modos de vida, de maneira que: (a) a parte logística da alma passa a representar o que

---

<sup>3</sup> Em torno do século VI a.C., destacou-se a figura de Tales, de acordo com toda a tradição que se formou acerca de sua personalidade, alcançando grandes repercussões na posteridade por meio da anedota da escrava trácia, o que aparece consignado no Teeteto de Platão. Nessa passagem da obra do filósofo da Academia, sublinha-se que as preocupações filosóficas afastam o pensador da realidade, dicotomizando sua personalidade humana a sua personalidade astronômico-científica. A importância da verdade e a prevalência da última personalidade sobre a primeira atestam o valor atribuído à especulação, coincidente com o início da reflexão humana pelas causas e princípios do universo, e aos iniciadores da atividade especulativa quando se firmaram as bases do paradigma teórico com a Academia de Platão.

diferencia o ser humano de outros seres; (b) a parte logística da alma passa a representar a imortalidade do ser; (c) a parte logística da alma passa a representar o que há de mais excelente no homem que o faz assemelhar-se aos deuses; (d) a alma logística (logistikón) é hegemônica diante das outras partes da alma humana; (e) a alma logística é capaz de reflexão (diánoia), de opinião (dóxa), e de imaginação (phantasia); (e) a alma logística é capaz de razão (noûs) e é esta razão que permite ao homem acessar, por meio da contemplação, as ideias que somente aos deuses são acessíveis.<sup>4</sup>

A ciência só é possível do que é certo, eterno e imutável. Somente as ideias são, para Platão, certas, eternas e imutáveis, tendo-se em vista que tudo o mais que se conhece é incerto, perecível e mutável. Do que se disse anteriormente, somente a alma logística é capaz de ciência, e esta ciência (epistême) à qual se refere Platão, deriva da contemplação das ideias perfeitas e imutáveis pelo filósofo.<sup>5</sup>

### **3.2 VIRTUDE E VÍCIO: ORDEM E DESORDEM**

Cada parte da alma humana exerce uma função, e estas funções delimitadas, sincronizadas e direcionadas para seus fins são a causa da ordem e da coordenação das atividades humanas. Assim, as diversas faculdades humanas estão dotadas de aptidão para a virtude (areté), uma vez que a

---

<sup>4</sup> Aí não há movimento, não há discurso, não há pensamento: a ideia encontra-se absorvida em sua plenitude de inteligibilidade.. Assim. "(...) o noûs intui e o logístico pensa e fala sobre o einai te kai tèn ousian através do noûs, assemelhando-se àquilo do que fala e pensa (ser e substância)" (Andrade, 1994, p. 137). Das sombras sensíveis ao imutável do inteligível, todo tipo de recurso simbólico humano é eliminado, para que se vislumbre em sua pureza a forma (morphé) sem qualquer interferência de elementos da razão mundana.

<sup>5</sup> Assim é que a opinião não é ciência, é algo entre o ser e o não ser (República 478 d), uma vez que não se estabelece, por meio desta, as bases de um conhecimento sólido e sustentável, permanecendo-se na inconstância da aparência, na fluidez insólita do relativo e particular. Da mesma forma como opinião não é ciência, opõem-se, também, os sujeitos-artífices da dóxa e da epistême, ou seja, o philodoxos e o philosophos, na perspectiva de que o primeiro lança suas observações com base no conhecimento empiricamente captado, enquanto o segundo constrói o saber sobre a experiência contemplativa, que se baseia no conhecimento daquilo que não é contingente.

Virtude é uma excelência, ou seja, um aperfeiçoamento de uma capacidade ou faculdade humana suscetível de ser desenvolvida e aprimorada.<sup>6</sup>

O virtuosismo platônico tem a ver, portanto, com o domínio das tendências irascíveis e concupiscíveis humanas, tudo com vistas à supremacia da alma racional. Então, virtude significa controle, ordem, equilíbrio, proporcionalidade..., sendo que as almas irascível e concupiscente submetem-se aos comandos da alma racional, esta sim soberana. Desse modo, boa será a conduta que se afinizar com os ditames da razão.<sup>7</sup>

A harmonia (armonía),<sup>8</sup> uma vez dominados os instintos ferozes, o descontrole sexual, a fúria dos sentimentos... surge como consequência natural, permitindo à alma fruir da bem-aventurança dos prazeres espirituais e intelectuais. A ética que deflui da alma racional é exatamente a de estabelecer este controle e equilíbrio entre as partes da alma, de modo que o todo se administre por força racional e não epitimética ou irascível.<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> É a análise que da temática faz Chauí: "Embora a psicologia e a ética recebam exposições diversas, em todas elas Platão estabelece uma relação precisa entre areté, dynamis, epistème e téchne. A areté, vimos, é a excelência ética, o ser bom. Os mitos platônicos evidenciam que a areté é uma dýnamis, uma possibilidade ou potencialidade da alma que precisa ser atualizada. A atualização é feita pela téchne como terapia e paideía. Estas pressupõem a ciência, a epistème, que indica qual é a areté de cada função da alma – qual a excelência de cada uma delas – e qual a hierarquia entre essas funções. A téchne, isto é, a paideia dialética desfaz os conflitos entre as funções da psyché (sua desordem), fazendo com que cada uma realize sua função própria" (Chauí, Introdução à história da filosofia, 1994, v. 1, p. 218).

<sup>7</sup> "Não se afirma que uma alma que possui inteligência e virtude é boa, e que outra que é infame e corrompida é má? Não se afirma com razão? – Com toda a razão" (Platão, Fédon, trad., 1999, p. 160).

<sup>8</sup> Mas – disse Sócrates – não vemos agora que a alma faz exatamente o contrário? Que dirige e governa as coisas de que pretende ser composta, resiste a elas no decorrer de quase toda sua existência, reprimindo a umas, duramente, pelas dores, como no ginásio, e a medicina tratando a outras com maior doçura, contentando-se em ameaçar ou reprimir os desejos, os ódios, os medos, como coisas de natureza distinta a sua? Foi isso que Homero representou tão bem quando, na Odisseia, diz que Ulisses: 'Golpeando o peito dirigiu-se duramente a seu coração: Suporta coração! Já que maiores torturas suportaste'. Crês que Homero teria dito isto se julgasse que a alma é uma harmonia que deve ser governada pelas paixões ao corpo? Não é mais lógico que julgasse que a alma deve dominá-las e dirigi-las e que é, enfim, coisa por demais divina para ser comparada com uma simples harmonia? (Platão, Fédon, trad., 1999, p. 162).

<sup>9</sup> Qual a tarefa ética ou moral da alma racional? Dominar as outras duas faculdades, e harmonizá-las com a razão" (Chauí, Introdução à história da filosofia, 1994, v. I, p. 214).

O vício, ao contrário da virtude, está onde reina o caos entre as partes da alma. De fato, onde predomina o levante das partes inferiores com relação à alma racional, aí está implantado o reino do desgoverno, isso porque ora manda o peito, e suas ordens e mandamentos são torrentes incontrolláveis (ódio, rancor, inveja, ganância...), ora manda a paixão ligada ao baixo ventre (sexualidade, gula...).

Então, buscar a virtude é afastar-se do que é tipicamente valorizado pelos homens, que é o que mais ainda o mantém ligado ao corpo e ao mundo terreno, e procurar o que é valorizado pelos deuses, e que mais o distancia do corpo e do mundo terreno. O homem deve sim buscar identificar-se com o que há de melhor e mais excelente, e nesse sentido deve buscar inspiração nas faculdades que caracterizam os deuses, os mais excelentes dos seres, e não os animais. A alma que valoriza a mundanidade acaba por construir em torno de si certa corporalidade, que possui o peso das carnes humanas, e não a leveza característica dos deuses.<sup>10</sup> Lastreado num dos principais ensinamentos de Sócrates é que Platão erigiu seu sistema, obviamente já sincretizado com o orfismo e o pitagorismo:

“– Parece-te, portanto – replicou Sócrates –, que os desejos de um filósofo não têm por objeto o corpo e que, ao contrário, trabalha para afastar-se dele dentro do possível, a fim de se ocupar apenas de sua alma?

– Com certeza.

– Assim, de todas essas coisas que acabamos de falar – disse

---

<sup>10</sup> “– No entanto, se a alma se afasta do corpo maculada, impura, como se houvesse estado sempre mesclada com ele, até o ponto de julgar servi-lo, embriagada pelo corpo, até o ponto de crer que nada existe além do físico, do que se pode ver, tocar, comer e beber, ou do que se presta aos prazeres do amor, ao passo que detesta, receia e foge de tudo que é obscuro e invisível, de tudo que é inteligente, crês que essa alma pode, ao separar-se do corpo, ver em si mesma, por si mesma e sem mistura?

– Não, não creio.

– Ao contrário, conforme penso, sai toda misturada com uma corporalidade que, por ela haver-se habituado com o corpo, parece-lhe íntima e natural, porque nunca deixou de viver em comunidade com ela e multiplicou as oportunidades de exercitar-se nisso” (Platão, Fédon, trad., 1999, p. 147).

## Sócrates

–, é evidente que o trabalho do filósofo consiste em se ocupar mais particularmente que os demais homens em afastar sua alma do contato com o corpo” (Platão, Fédon. trad., 1999, p. 125).

Sacrificar-se pela causa da verdade significa abandonar os desejos do corpo, e fazer da alma o fulcro de condução da conduta em si e por si. Ao que deve visar o homem, para que sua ética se fortaleça? Ao aprimoramento da alma, e, sobretudo, daquela sua parte que se determina a ser a parte que mais faz o homem semelhante aos deuses: a razão. De fato:

“Deste princípio – prosseguiu Sócrates – não se segue que os filósofos precisam pensar e dizer: a razão deve seguir apenas um caminho em suas investigações, enquanto tivermos corpo e nossa alma estiver absorvida nessa corrupção, jamais possuiremos o objeto de nossos desejos, isto é, a verdade. Porque o corpo nos oferece mil obstáculos pela necessidade que temos de sustentá-lo, e as enfermidades perturbam nossas investigações. Em primeiro lugar, nos enche de amores, de desejos, de receios de mil ilusões e de toda classe de tolices, de modo que nada é mais certo do que aquilo que se diz correntemente: que o corpo nunca nos conduz a algum pensamento sensato. Não, nunca! Quem faz nascer as guerras, as revoltas e os combates? Nada mais que o corpo com todas as suas paixões. Com efeito, todas as guerras têm origem apenas no desejo de acumular riquezas, e somos obrigados a acumulá-las pelo corpo, para servi-lo, como escravos, em suas necessidades. Eis o motivo de não termos tempo para pensar em filosofia; e o pior é que, quando conseguimos alguns instantes de paz e começamos a meditar, esse intruso irrompe em meio de nossas investigações, nos entorpece, nos perturba e nos impede o discernimento da verdade. Está demonstrado, ao contrário, que, se desejamos saber realmente alguma coisa, é preciso que abandonemos o corpo e que apenas a alma

analise os objetos que deseja conhecer. Somente então usufruiremos da sabedoria pela qual estamos apaixonados, isto é, depois de nossa morte e de maneira alguma no decorrer da vida. E a própria razão o afirma, já que é impossível conhecer alguma coisa de forma pura, enquanto temos corpo; é preciso que não se conheça a verdade ou então que se a conheça após a morte, pois então a alma se pertencerá, livre desse fardo, e não antes. Enquanto estivermos nesta vida não nos aproximaremos da verdade a não ser afastando-nos do corpo e tendo relação com ele apenas o estritamente necessário, sem deixar que nos atinja com sua corrupção natural, e conservando-nos puros de todas as suas imundícies até que o deus venha nos libertar. Dessa forma, livres da loucura do corpo, conversaremos, como é correto, com homens que usufruirão a mesma liberdade e conheceremos por nós mesmos a essência das coisas, e talvez a verdade não seja mais do que isso. Mas tenho grande temor de que aquilo que não esteja puro não possa alcançar a pureza. Aqui está, meu caro Símiias, o que me parece que os verdadeiros filósofos devem pensar e a linguagem que devem usar entre eles. Pensas como eu?" (Platão. Fédon, trad., 1999, p. 127-128).

Adotado o *modus vivendi* virtuoso, o homem tem os deuses a seu favor. Trata-se de um sacrifício que tem suas compensações sobretudo tendo-se em vista que justos e injustos, bons e maus, virtuosos e viciosos submetem-se ao julgamento dos deuses, e se a justiça humana é impune para recriminar condutas, e se a ética humana é insuficiente para controlar os desregramentos humanos, existe a continuidade da vida para provar que os que se desigualam dos demais pela virtude terão suas recompensas, e que os que se desigualam dos demais pelo vício terão suas punições. Caso contrário, se assim não fosse, ensina Sócrates, que grande benefício seria a morte opaca e escura, prenhe de trevas e silêncio, pois daquele que erra apagaria todos os vícios e atrocidades. A mecânica da justiça está a apontar para algo mais além da vida e da morte. Como diz Sócrates:

“Existe, contudo – prosseguiu Sócrates –, ao menos uma coisa em que seria justo que todos vós refletísseis: se a alma é de fato imortal, se faz necessário que zelemos por ela, não só durante o tempo presente, que denominamos viver, mas ao longo de todo o tempo, pois seria grave perigo não se preocupar com ela. Suponhamos que a morte seja apenas uma completa dissolução de tudo. Que maravilhosa ventura estaria então reservada para os maus, que se veriam libertos de seu corpo, de sua alma e de sua própria maldade! Mas, em verdade, uma vez que se tenha demonstrado que a alma é imortal, não haverá escapatória possível para ela em face de seus males, exceto que se torne melhor e mais sábia. (...)

Então, a alma comedida e sábia segue a seu guia de livre e espontânea vontade e não desconhece a sorte que a espera: mas aquela que está presa a seu corpo pelas paixões, como eu dizia anteriormente, permanece por muito tempo ligada a ele e a este mundo visível, e só depois de haver resistido e sofrido muito é arrastada à força pelo gênio que lhe foi designado. Quando chega a esta reunião de todas as almas, se ela é impura, se está maculada por algum assassinato ou qualquer outro crime terrível, todas as outras almas fogem de sua presença e lhe demonstram horror; não encontra nem companheiro nem guia e vaga em completo abandono até que, após um certo tempo, a necessidade arrasta-a até o lugar que merece. Mas aquela alma que passou sua vida no comedimento e na pureza tem os próprios deuses por companheiros e guias, e ocupará o lugar que lhe está destinado, já que lá há lugares maravilhosos e diferentes da Terra, e não é o que imaginam aqueles que têm o hábito de fazer descrições, como já ouvi algumas” (Platão, Fédon, trad., 1999, p. 178)

### **3.3 IDEALISMO ÉTICO E MITO DE ER**

O platonismo, ao contrário do que faz o aristotelismo, como se verá adiante,<sup>11</sup> prima pelo idealismo e não pelo realismo, não obstante sua obra caminhar paulatinamente em direção à maturidade mais realista, o que se nota na diferença de sua teoria política entre os textos A república e As leis. Isso

porque o núcleo da teoria platônica repousa na noção de ideia (eídōs), que penetra inclusive o entendimento do que seja o bem supremo do homem. A eídōs, por distanciada dos mais vulgares desejos e tendências humanas realizáveis, inscreve-se, portanto, no quadro das especulações humanas, mas jamais das realizações humanas. Isso porque a ideia do que seja o Bem Supremo não pode ser atingida pelo homem, nem realizada concretamente. Enfim, a ideia do Bem que está a governar todo cosmo (kósmos) representa a grande prioridade do sistema de Ideias concebido por Platão.<sup>12</sup>

Às ideias de ética e de virtude liga-se diretamente a ideia de conhecimento como algo necessário.<sup>13</sup> De fato, o platonismo não nega sua herança socrática, e faz o conhecimento derivar dos altiplanos do Mundo Ideal. É por reminiscência que se podem recuperar as ideias que estão latentes na alma humana, mas que foram esquecidas pela passagem da alma de sua condição no Hades para a Terra. Recuperar o conhecimento latente na alma humana é reacender labaredas de vidas precedentes, uma vez que dessas vivências anteriores se podem extrair os conceitos primordiais já aprendidos e efetivamente adquiridos pela alma.

Assim, incumbe à alma logística a contemplação da verdadeira Realidade, de onde se extraem os conhecimentos certos e definitivos para

---

<sup>11</sup> Em que consiste a felicidade parece ser um problema comum a ambas as Ethicae (EN e EE), pois tanto numa, como noutra, expõem-se as opiniões vulgares acerca da mesma (Eth Nic., 1095 a, 14/1095 b. 13: Eth. Eud. 1214 b, 29/1215 a, 19), para, metodologicamente, superar-se o falseamento das premissas endoxológicas, das oporias e dos juízos errôneos.

<sup>12</sup> "Donde mejor se ve como concebía el esta solución es en la República, pues toda la estructura de esta obra descansa sobre el criterio de que la idea del bien, el principio primario de todos los valores, ocupa un lugar predominante en el centro del cosmos" (Jaeger, Paideia, 1949, III, p. 288).

<sup>13</sup> De pronto, deve-se dizer que a justiça é uma virtude, e liga-se diretamente à virtude a ideia de conhecimento (só se erra por ignorância, no lema socrático), de modo que a virtude é algo ensinável. No entanto, se todo conhecimento somente pode ser dito como tal se se detiver nas Essências, e não nas aparências, então, a justiça que se ensina é acerca do que É e não do que parece ser; em meio ao dualismo (presente em Tales, Parmênides, Heráclito, Anaximenes, Anaximandro, Empédocles) mitológico e místico flagrante entre Bem (cuja causa é Deus e que existe como ideia) e Mal (cuja causa é outra que não Deus e que inexistente como Ideia), a justiça ensinável é algo que aponta para o Bem. Consulte-se, a respeito destas impressões, Kelsen, A ilusão da justiça, 1995, p. 1-7 e 142-152.

serem seguidos pelos homens. Essa questão é ilustrada pelo Mito da Caverna (República, livro V), mas pode ser esclarecida, ainda, a partir do Mito de Er, apresentado em meio a uma exposição de Sócrates a Glauco sobre arte e técnica, no final livro X do diálogo República (525 a-621 d) de Platão.<sup>14</sup>

A narrativa do mito<sup>15</sup> detém-se fundamentalmente na figura de Er, guerreiro originário da Panfilia (Ásia Menor), que, morto em uma batalha, teve seu corpo posteriormente encontrado entre outros cadáveres de guerreiros, mas na espantosa condição de cadáver são e íntegro. Uma vez encontrado, reconduzido a sua pátria e velado por doze dias (dwdekataîos) (Rep., 614 a), no último desses doze dias, recobrou a vida e contou aos circunstantes o que havia visto no Hades.

A partir de então, advém seu relato pessoal, tudo narrado por Sócrates, baseado nas tradições populares a respeito de como seria a vida no Além, contando que, ao deixar o corpo, sua alma foi para um lugar maravilhoso, uma grande pradaria, onde se aglomeravam inúmeras almas, e onde se avistavam quatro buracos, dois no solo e dois no céu. Os juízes, que ali se encontravam, avistavam os justos, e a estes recomendavam seguir à direita e para o céu, por uma das aberturas,<sup>16</sup> e avistavam, da mesma forma, os injustos, e a estes recomendavam seguir à esquerda e para baixo, por uma das aberturas.<sup>17</sup> Esses

<sup>14</sup> O fato de se abordar um mito não torna a pesquisa parte de uma panacéia figurativa; o mito é tão significativo como método, em Platão, como o diálogo e a discussão dialética. De fato: "Por vezes, abandona a discussão dialética e exprime ideias de acesso difícil por meio do mito. Este encontrava-se na tradição, servia para embelezar a exposição e repousar o espírito com sua beleza poética, exprimindo o provável ou o possível, mas não o absolutamente certo. Pensa-se que só se empregava nas obras destinadas ao público, e não ao ensino" (Pereira, Estudos de história da cultura clássica, 7. ed., 1993, 1 v. p. 478).

<sup>15</sup> Esta narrativa já foi abordada em outra obra. Consulte-se Bittar. Teorias sobre a justiça: apontamentos para a história da filosofia. São Paulo : Juarez de Oliveira, 2000.

<sup>16</sup> "toûs mén dikaíous kekeúein poreúesthai ten eis dexían te kai anw dià toú ouranoû" (Rep., 614 c)

<sup>17</sup> "toûs dè adikous tèn eis aristerán te kai kátw" (Rep., 614 c).

mesmos juízes, que selecionavam os justos e os injustos, recomendaram a Er que não tomasse nenhuma das direções, mas que retornasse ao mundo e servisse de testemunha aos homens do que havia visto ali.

De uma das aberturas da terra, conta Er ter visto surgir almas sujas e empoeiradas, que contavam sofrimentos e dores, e, pelo contrário, de uma das aberturas do céu, almas puras, que contavam das maravilhas que haviam visto,<sup>18</sup> todas vindas de uma longa viagem. Sócrates, em sua narrativa do relato de Er sobre o supraterrâneo, insiste em contar apenas o essencial a Gláuco, atribuindo ainda a Er outras informações acerca da vida no Além. Assim, as almas injustas pagavam, para cada injustiça cometida, dez vezes mais (dekákis); a duração de cada punição é de cem anos (vida humana); para cada boa ação, na mesma medida, a recompensa é decuplicada. A narrativa de Er sobre o sistema de punições e recompensas baseia-se no testemunho de almas que, além de terem visto coisas feias e padecido coisas ruins, presenciaram grandes criminosos (parricidas, tiranos...) serem impedidos de deixar as entranhas da terra ao tentarem delas sair.

Logo em seguida a uma permanência de sete dias nessa pradaria, onde tais fatos narrados foram presenciados por Er, as almas dela se deslocaram por quatro dias, caminhando em direção a uma coluna luminosa, que se vertia em direção ao céu. Ali se avistavam Lachésis (passado), Clotho (presente) e Atropos (futuro), filhas da Necessidade, responsáveis pelo movimento dos arcos celestes. Apresentando-se, relata Er, diante de Lachésis (futuro), cada alma recebia sua sorte no porvir, e isto tendo-se em vista o reencontro próximo com um corpo carnal,<sup>19</sup> mas tudo não por intervenção e responsabilidade da divindade, mas por sua própria liberdade de escolha (aitía eloménu; Theòs analtios) (Rep., 617 e Timeu, 42 d); escolhendo os modelos de vida (tà tw n bíwn paradeígmata) (Rep., 618 a), as almas o faziam com base em experiências e hábitos de vidas anteriores,<sup>20</sup> selecionando o que melhor lhes

<sup>18</sup> "tàs d'au ek toû ouranoû eupatheías diegeísthai kai théas amechánous tò kállos" (Rep., 615 a).

<sup>19</sup> "archè álles períodou thnetoû génous thanatephórou" (Ibidem, 617 d).

<sup>20</sup> "katà synétheian gàr toû protérou biou tà pollà aireíshtai" (Ibidem, 620 a).

experiências e hábitos conviesse num futuro próximo.

Nesse sentido, tendo em vista a liberdade de escolha de cada alma, podiam ser escolhidas vidas animais ou humanas;<sup>21</sup> após a escolha, cada alma recebia seu demônio, que lhes encaminharia nas dificuldades da vida.<sup>22</sup> Feito isso, o demônio de cada alma encarregava-se de conduzir sua pupila diante de Clotho e, em seguida, de Atropos, tornando irrevogável o destino por ela escolhido livremente, dentro de seu cabedal de responsabilidades e experiências anteriores.

Em seguida, todas as almas apresentavam-se diante do trono da Necessidade, para, posteriormente, passarem pela grande planície do Léthes, onde, pela noite, beberiam da água do rio Amelete, responsável pelo esquecimento do que viram e vivenciaram. Feito esse ritual, em meio à noite, após fortes estrondos e relâmpagos luminosos, cada alma é conduzida ao local onde renascerá. Er, por sua vez, não tendo bebido da água do rio Amelete (responsável pelo esquecimento das vivências anteriores), e tendo recebido a orientação de retornar ao mundo para contar sua experiência no Além, recobrou sua consciência, e, tomando novamente posse de seu corpo, que foi retirado de campo em meio aos andrajos de guerra, pôde, liberto do adormecimento que acomete todas as almas, trazer seus relatos sobre o que seria a responsabilidade de cada qual por seus atos e pelo próprio destino.

Sócrates, então, conclui diante de Gláuco sua dissertação sobre o mito, encerrando seu diálogo, afirmando que se pode ser feliz, bem como agradar aos deuses, neste mundo, bem como no Além (Rep., 621 d).

#### **4.4 ÉTICA, JUSTIÇA E METAFÍSICA**

A admissão de uma Realidade (divina) para além da realidade (humana), importa, também, a admissão de que existe uma Justiça (divina) para além daquela conhecida e praticada pelos homens. O que é inteligível, perfeito,

---

<sup>21</sup> "ἄνθρωπος τε γὰρ πάντων βίους καὶ δὲ καὶ τοὺς ἀνθρώπων ἀπάντας" (Ibidem, 618 a).

<sup>22</sup> "εἰκεῖν δ' ἐκάστῳ ὃν εἴλετο δαιμόνα" (Ibidem, 620 d).

absoluto e imutável pode ser contemplado, e é do resultado dessa atividade contemplativa que se devem extrair os princípios ideais para o governo da politeia, tarefa delegada ao filósofo.<sup>23</sup>

Mesmo estando a Ideia da Justiça distante dos olhos do comum dos homens, sua presença se faz sentir desde o momento presente na vida de cada indivíduo. Existe, para além da ineficaz e relativa justiça humana (a mesma que condenou Sócrates à morte!), uma Justiça, infalível e absoluta, que governa o kósmos, e da qual não se pode furtar qualquer infrator. A justiça não pode ser tratada unicamente do ponto de vista humano, terreno e transitório; a justiça é questão metafísica, e possui raízes no Hades (além-vida), onde a doutrina da paga (pena pelo mal; recompensa pelo bem) vige como forma de Justiça Universal. O homem justo, por suas razões singulares, participa da ideia do justo e, por isso, é virtuoso.

A cosmovisão platônica, que segue rigorosamente passos pitagóricos, permite a abertura da questão da justiça a caminhos mais largos que aqueles tradicionalmente trilhados no sentido de se determinar seu conceito. O que a proposta platônica contém é uma redução dos efeitos racionais da investigação, e uma maximização dos aspectos metafísicos do tema.<sup>24</sup> Nesse sentido, toda alma que perpassa a sombra e a incógnita da morte encontrará seu julgamento, que será feito de acordo com os impecáveis mandamentos da

---

<sup>23</sup> Onde o filósofo platônico governa não são necessárias leis, pois sua vontade é a vontade do Estado; as leis somente aparecem como um paliativo, como uma alternativa viável para a falta de um verdadeiro homem sábio. Nesse caso, as leis não devem e não podem ser desobedecidas em hipótese alguma, como se afirma no Político, 300 (Kelsen, A ilusão da justiça, 1995, p. 498-503).

<sup>24</sup> Assim, ocorre que a noção de justiça funcionaliza-se, de modo que seja feita parte de uma ordem de coisas muito maior: sua importância como máximo valor humano diminui à medida que a investigação evolui em seus aspectos metafísicos e transcendentais. De fato, a Justiça participa do Bem, Ideia Maior que tudo ordena, e para o que tudo teleologicamente se direciona, ou seja, da Ideia que congrega todas as demais virtudes (Amizade, Coragem, Amor...). A própria paga no Além é somente meio para a realização do Bem Supremo, como se pode inferir do texto da República. A respeito, consulte-se Ibidem, 1995, p. 447-448.

Justiça. A doutrina da paga no Além dos males causados a outrem, deuses e homens, possui caráter essencialmente órfico-pitagórico,<sup>25</sup> e é o cerne da justiça cósmica platônica. A conduta ética e seu regramento possuem raízes no Além (Hades), de modo que o sucesso terreno (homicidas, tiranos, libertinos...) e o insucesso terreno (Sócrates...) não podem representar critérios de mensurabilidade do caráter de um homem (se justo ou se injusto). No reino das aparências (mundo terreno, sensível), o que parece ser justo, em verdade, não o é; o que parece ser injusto, em verdade, não o é.

A inversão ético-valorativa operada por Platão<sup>26</sup> faz com que todo o equilíbrio das relações humanas baseie-se em critérios palpáveis, acessíveis aos sentidos, passíveis de serem discutidos pela opinião (dóxa); o que há é que se cria uma expectativa de justiça, somente realizável no Além apesar de, por vezes, imediatizar-se na vida terrena.

Nos textos do Górgias, das Leis, da República, a retribuição aparece como a forma providencial de justiça cósmica. Nas Leis, sobretudo, a ordem do mundo é dada pela justiça retributiva (Leis, 903).<sup>27</sup> Esta é infalível.<sup>28</sup> O melhor à alma que se separa do corpo é nada dever a ninguém, pois aquele que algo dever, ainda que se esconda (Leis, 905) sob a justiça encaminhada pela providência divina, haverá de sucumbir. De fato, a retribuição é o modo de justiça metafísica (República, 613), que ocorre desde o aqui e também no Além.

---

<sup>25</sup> Consulte-se, a respeito do misticismo platônico: Cornford, *Mysticism and science in the pythagorean tradition*. In: *The pre-socratics: a collection of critical essays*, 1974, p. 135-160.

<sup>26</sup> Platão não dá grandes garantias acerca do destino dos justos nesta vida – embora ele tenha a certeza de que os deuses os não esquecerão (Rep. 613a-b; comparar Leis X, 899c-900b) –, mas é na vida futura que a justiça recebe a sua recompensa suprema, tal como é descrito em termos ardentes no ‘Mito de Er’ in República X” (Peters, *Termos filosóficos gregos*, 1983, p. 55, verbete diké).

<sup>27</sup> “Enquanto identifica justiça com retribuição, Platão não apenas assume a doutrina órficopitagórica, mas aceita uma visão do povo grego que vem da Antiguidade” (Kelsen, *O que é justiça?* 1998, p. 99).

<sup>28</sup> Cf. Op. cit. p. 325-327.

A justiça agrada a Deus, e a injustiça o desagradada; mais que isso, a justiça é causa de bem para aquele que a pratica, e causa de mal para aquele que a transgride.<sup>29</sup> Passam à direita e para cima de Deus as almas que se destinam a fruir os gozos celestes, e passam à esquerda e para baixo de Deus as almas destinadas ao cumprimento de penas;<sup>30</sup> as almas cumprem seus ciclos num longo período de provas, durante o qual permanecem indo e vindo entre duas realidades.

Toda alma que retorna de seu ciclo tem o direito de escolher, diante de três moiras, a sorte que deseja cursar, em um vasto leque de opções, podendo optar por profissões e posições sociais as mais variadas, levando-se em conta as aptidões que já possui e que já adquiriu em vivências passadas; logo em seguida, submete-se a alma a beber a água do rio Ameles para o esquecimento do que viu e posterior renascimento.<sup>31</sup> O próprio renascimento, momento de união do corpo com a alma, que está presa como a um cárcere àquele, significa a justiça em funcionamento, mecanismo que responsabiliza cada alma por sua conduta aqui e no Além.<sup>32</sup>

A conclusão não é outra senão a de que não se pode ser justo ou injusto somente para esta vida, pois se a alma preexiste ao corpo, é porque também subsiste à vida carnal, de modo que ao justo caberá o melhor e ao injusto o

---

<sup>29</sup> O castigo corrige, emenda, ensina; é a única forma de correção do incorreto: também a intimidação metafísica (temeridade pelo futuro no Hades) é aliada da correção e educação das almas. Ver a esse respeito as considerações acerca da pedagogia penal de Platão no texto *A ilusão da justiça*, de H. Kelsen, 1995, p. 305-310.

<sup>30</sup> Está-se a utilizar da palavra Deus (Théos), no contexto dos estudos da República, mas há que se ressaltar que a presença de Deus é muito mais sensível nas obras posteriores à República. Nestas, Platão parece assumir todas as consequências diretas e indiretas do uso do termo Deus, como princípio e causa do existente, em sua reflexão. Esta é a opinião de Jaeger, *Op. cit.* p. 289.

<sup>31</sup> Daí a ideia fundamental da doutrina platônica de que a concepção de justiça é inata ao homem quando de seu nascimento, pois conheceu o que é o justo e o injusto no Além, disto tendo-se esquecido transitoriamente, cabendo ao filósofo, por maiêutica, trazer à tona esse conhecimento previamente adquirido, reavivando apenas o que já se conhece por experiências anteriores.

<sup>32</sup> Cf. Kelsen, *A ilusão da justiça*, 1995, p. 315-323.

pior.

Aqui residem esporos da doutrina órfico-pitagórica e de um dualismo escatológico. Ao justo, a Ilha dos bem-aventurados; ao injusto, o Tártaro (Górgias, 447).<sup>33</sup> Nesse sentido, o mecanismo é implacável, pois toda alma comparecerá diante de um tribunal, que sentenciará os acertos e os erros, determinando o fim de cada qual no Além.<sup>34</sup>

#### **4.5 ÉTICA, ALMA E ORDEM POLÍTICA**

A ordem política platônica estrutura-se como uma necessidade para a realização da justiça, um imperativo para o convívio social,<sup>35</sup> onde governados obedecem e governantes ordenam.<sup>36</sup> E, nesta ordem, onde uns obedecem e outros ordenam, deve haver uma cooperação entre as partes para que se realize a justiça.

A alma tripartite, cuja estrutura é dada pelo Fédon, é feita paradigma funcional para a explicação da estrutura do próprio Estado (Rep., 368 ss), em que a razão deve imperar sobre a paixão, sob pena de o cocheiro não conseguir corrigir o curso da alma desgarrada pelos instintos, como narrado no Fedro, 246. A divisão do trabalho é a regra de justiça no Estado Ideal; três classes dividem-se em três atividades (política; defesa; economia), não podendo haver interferência de uma classe na atividade da outra (Rep., 592); a interferência representa a injustiça,<sup>37</sup> pois cada classe corresponde a uma parte da alma, e a alma racional, aliada à epitimética, deve governar. Nesse sentido, a justiça na

---

<sup>33</sup> Essa mesma reflexão reaparece no começo e no fim da República.

<sup>34</sup> Cf. Op. cit. p. 300-304.

<sup>35</sup> Para que se percebam de mais perto as nuances que estão a governar o cosmo, a cidade e o homem, leia-se, obrigatoriamente, Rachel Gazolla de Andrade, Platão: o cosmo, o homem e a cidade, 1994, onde se encontrará excelente análise da teoria platônica.

<sup>36</sup> Cf. Kelsen, A ilusão da justiça, 1995, p. 238-241.

<sup>37</sup> Cf. Ibidem, p. 462.

cidade é ordem; a desordem é sinônimo de injustiça.<sup>38</sup> A justiça é a saúde do corpo social, pois onde cada um cumpre o que lhe é dado fazer, o todo beneficia-se dessa complementaridade.

O Estado Ideal platônico descrito sistematicamente na República é apenas meio para a realização da justiça.<sup>39</sup> De fato, porém, esse Estado não existe na Terra, e sim no Além, como modelo a se inspirar (Rep., 592). Nesse Estado, a Constituição (politeia) é apenas instrumento da justiça, pois estabelece uma ordem jurídica. De qualquer forma, para Platão, o Estado Ideal deve ser liderado não por muitos (democracia), uma vez que a multidão não sabe governar,<sup>40</sup> mas por um único (teocracia), o filósofo, o sábio, pois este contemplou a Verdade, e está apto a realizá-la socialmente. Aqui, poder e filosofia (platônica) aliam-se.

## **CONCLUSÕES**

A ética platônica destina-se a elucidar que a ética não se esgota na simples localização da ação virtuosa e de seu discernimento com relação à ação viciosa. De suas principais figuras textuais, de seus principais mitos, podem-se inferir lições que fazem a alma orientar-se de acordo com padrões de conduta ditados com base na noção de Bem. Se sua natureza é metafísica, também a natureza da verdadeira e definitiva justiça será metafísica. Ao se moldar a conduta de acordo com estes reclamos, estará, definitivamente, a alma a orientar-se de acordo com o Bem; ao desviar-se destes, estará, literalmente, deixando o barco ser guiado pela correnteza e não pelo timoneiro. No controle das outras partes da alma pela alma racional reside a harmonia da virtude; no descontrole, o vício.

---

<sup>38</sup> “La justicia, en efecto, la justicia en la ciudad, consiste simplemente en que cada una de las clases sociales que hemos dicho, o más concretamente los hombres a ellas pertenecientes, hagan lo que les corresponde: los guardianes, que gobiernen: los soldados, que combatan y los de la clase económicamente productiva, que produzcan” (Robledo, Platón: los seis grandes temas de su filosofía, 1993, p. 559).

<sup>39</sup> Cf. Kelsen, A ilusão da justiça, 1995, p. 453-457.

<sup>40</sup> Cf. Ibidem, p. 458.

De qualquer forma, a educação (paideia) da alma tem por finalidade destinar a alma ao pedagogo universal, ao Bem Absoluto. No mundo, a tarefa de educação das almas, para Platão, deve ser levada a cabo pelo Estado, que monopoliza, no diálogo da República, a vida do cidadão. A educação deve ser pública, com vistas no melhor aproveitamento do cidadão pelo Estado e do Estado pelo cidadão.<sup>41</sup>

Assim, justiça, ética e política movimentam-se, no sistema platônico, num só ritmo, sob a melodia de uma única e definitiva sonata, cujas notas são as ideias metafísicas que derivam da Ideia primordial do Bem. Tamanho idealismo filosófico haveria de produzir condições favoráveis para o desenvolvimento de uma corrente de pensamento igualmente contundente, mas profundamente empírica: o aristotelismo.

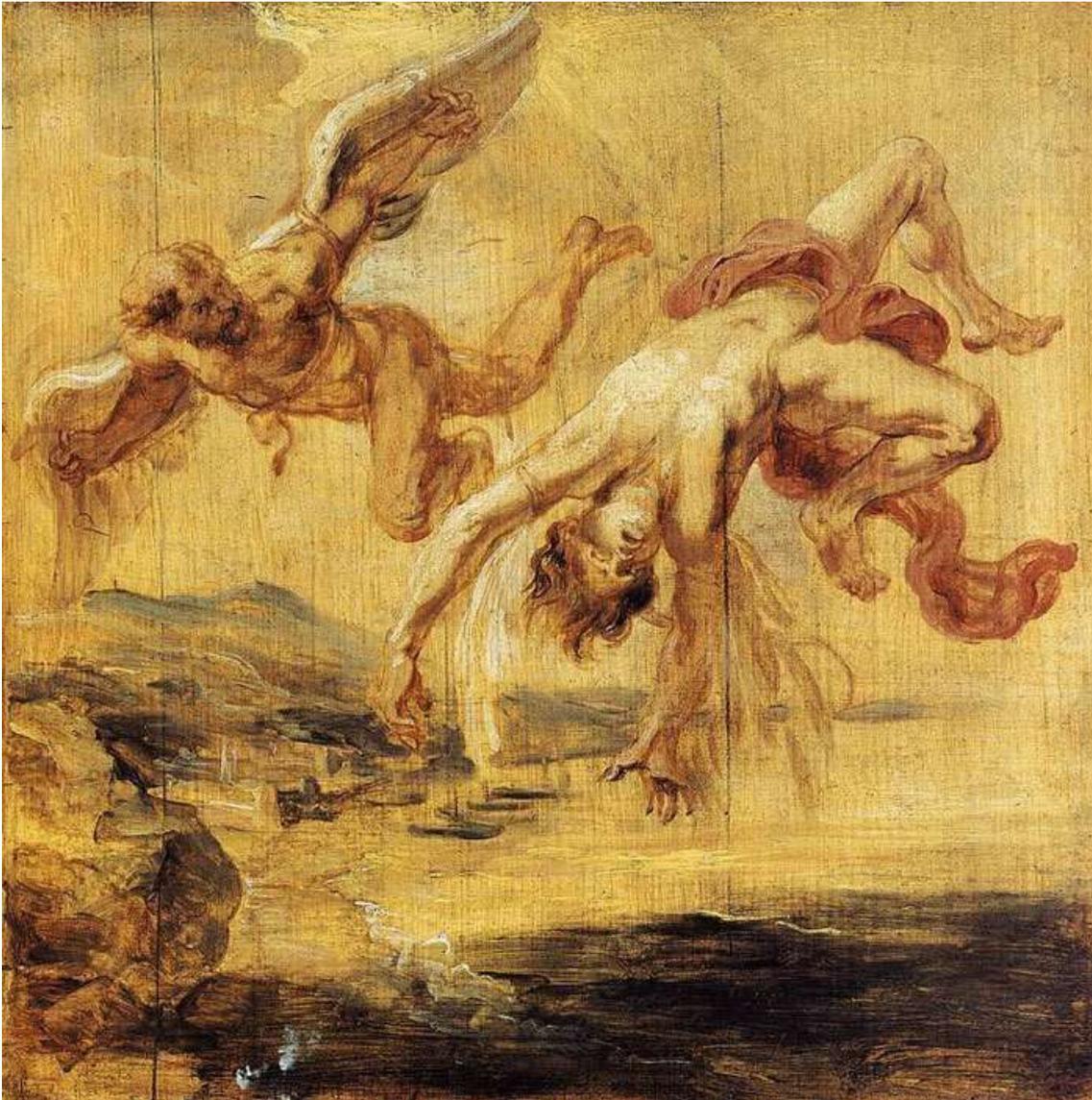
---

<sup>41</sup> A respeito do problema da educação predominantemente pública em Platão, comenta-se: "En realidad, la creación de un sistema completo de educación elemental, considerado como la paideia del pueblo y como base de la alta educación de que se había ocupado en sus obras anteriores, constituye una de las más audaces innovaciones de Platón, digna de este gran genio educativo" (Jaeger, Paideia, III, 1949, p. 318).

## Capítulo 4

### A Consciência Mítica

(Maria Lúcia de Arruda Aranha)



A queda de Ícaro. Peter Paul Rubens, (1636-1638).

Esta tela do pintor flamengo Peter Paul Rubens faz menção a Ícaro, personagem mítico. Segundo uma das versões do mito grego, Dédalo e seu filho Ícaro estavam presos no labirinto de Creta, como castigo por ter ajudado Teseu a encontrar o Minotauro e matá-lo. Assim relata Pierre Grimal: "Dédalo, a quem não faltavam recursos, fabricou para Ícaro e para si mesmo umas asas que colou com cera aos seus ombros e aos do filho. Em seguida, ambos

levantaram voo. Antes de partir, Dédalo recomendara a Ícaro que não voasse nem muito baixo nem muito alto. Ícaro, porém, orgulhoso, não deu ouvidos aos conselhos do pai e elevou-se nos ares, aproximando-se tanto do Sol que a cera derreteu e o imprudente caiu no mar que, a partir desse momento, se chamou Mar Icário".<sup>1</sup>

A partir da imagem e do relato acima, e antes de ler o capítulo, explique que significado um mito teria para os povos da Antiguidade. Em seguida, elabore uma interpretação atual para o mito de Ícaro.

---

<sup>1</sup> Dicionário da mitologia grega e romana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, s. d. p. 241.

#### **4.1 DOIS RELATOS MITICOS**

Costumamos dizer que a filosofia é grega, por ter nascido nas colônias gregas no século VI a.C. E antes da filosofia, que tipos de pensamentos ocupavam a mente das pessoas?

Vamos primeiro examinar o mito, modo de consciência que predomina nas sociedades tribais e que nas civilizações da Antiguidade ainda exerceu significativa influência. Ao contrário, porém, do que muitos supõem, o mito não desapareceu com o tempo. Está presente até hoje, permeando nossas esperanças e temores, como veremos.

Entre os povos indígenas habitantes das terras brasileiras, encontramos várias versões sobre a origem da noite. Um desses relatos é o dos maués, nativos dos rios Tapajós e Madeira. Segundo eles, no início só havia o dia. Cansados da luz, foram ao encontro da Cobra-Grande, a dona da noite. Ela atendeu ao pedido com a condição de que os indígenas lhe dessem o veneno com que os pequenos animais como aranhas, cobras e escorpiões se protegiam. Em troca, receberam um coco com a recomendação de só abri-lo ao chegarem à maloca. Ao ouvirem ruídos estranhos saindo dele, não resistiram à tentação e assim deixaram escapar antecipadamente a escuridão da noite. Atônitos e perdidos, pisaram nos pequenos bichos, cujas picadas venenosas mataram muitos deles. Desde então, os sobreviventes aprenderam os cuidados que deveriam tomar quando a noite viesse.

De modo semelhante aos maués, os gregos dos tempos homéricos narram o mito de Pandora, a primeira mulher. Em uma das muitas versões desse mito, Zeus enviou um presente aos humanos, mas com a intenção de puni-los por terem recebido o fogo do titã Prometeu, que o roubara dos Céus. Pandora levava consigo uma caixa, que abriu por curiosidade, deixando escapar todos os males que afligem a humanidade. Conseguiu, porém, fechá-la a tempo

de reter a esperança, única maneira de suportarmos as dores e os sofrimentos da vida.

Nos dois relatos, percebemos situações aparentemente diversas, mas que se assemelham, pois ambos tratam da origem de algo: entre os indígenas, como surgiu a noite; e entre os gregos, a origem dos males. E trazem como conseqüências dificuldades que as pessoas devem enfrentar.

A leitura apressada do mito nos leva a compreendê-lo como uma maneira fantasiosa de explicar a realidade, quando esta ainda não foi justificada pela razão. Sob esse enfoque, os mitos seriam lendas, fábulas, crendices e, portanto, um tipo inferior de conhecimento, a ser superado por explicações mais racionais. Tanto é que, na linguagem comum, costuma-se identificar o **mito** à mentira.

**ETIMOLOGIA** Mito. *Mythos*, em grego, significa "palavra", "o que se diz", "narrativa". A consciência mítica é predominante em culturas de tradição oral, quando ainda não há escrita.



O pintor pernambucano Rego Monteiro é um artista do modernismo brasileiro que recorre aos temas dos mitos indígenas. Nessa aquarela, vemos o contraste entre as raízes arcaicas indígenas e o tratamento contemporâneo da imagem. Observe o traço fino, a delicadeza dos gestos - o índio mais parece um bailarino - e a moça, que se deixa levar sem resistência. Ao fundo, a lua emoldura o casal.

Que mito está representado na pintura?

O boto é um mamífero cetáceo comum nas águas do Rio Amazonas. Segundo a lenda do Boto-Cor-de-Rosa, à noite ele emerge do rio e se transforma em um belo e irresistível homem que seduz as moças e as engravida. As mães advertem as filhas para o perigo que ele representa. Tal como na proposta de Rego Monteiro, podemos nos perguntar: o que esse mito tem a nos dizer hoje?

O boto. Vicente do Rego Monteiro, 1921.

No entanto, o mito é mais complexo e muito mais expressivo e rico do que supomos quando apenas o tomamos como o relato frio de lendas desligadas do ambiente que as fez surgir.

Não só os povos tribais ou as civilizações antigas elaboram mitos. A consciência mítica persiste em todos os tempos e culturas como componente indissociável da maneira humana de compreender e sobretudo sentir a realidade, como veremos adiante.

## 4.2 O QUE É MITO?

Como processo de compreensão da realidade, o mito não é lenda, pura fantasia, mas verdade. Quando pensamos em verdade, é comum nos referirmos à coerência lógica, garantida pelo rigor da argumentação e pela apresentação de provas. A verdade do mito, porém, resulta de uma intuição compreensiva da realidade, cujas raízes se fundam na emoção e na afetividade. Nesse sentido, antes de interpretar o mundo de maneira argumentativa, o mito expressa o que desejamos ou tememos, como somos atraídos pelas coisas ou como delas nos afastamos.

Não se trata, porém, de qualquer intuição. Para melhor circunscrever o conceito de mito, precisamos de outro componente - o mistério - , pois ele sempre é um enigma a ser decifrado e como tal representa nosso espanto diante do mundo.

**PARA REFLETIR** O mistério é algo que não podemos compreender, por ser inacessível à razão e depender da fé. Um problema é algo que ainda não compreendemos, mas cuja resposta nos esforçamos para descobrir. Você poderia dar um exemplo de cada um desses conceitos?

Segundo alguns intérpretes, o "falar sobre o mundo" simbolizado pelo mito está impregnado do desejo humano de afugentar a insegurança, os temores e a angústia diante do desconhecido, do perigo e da morte. Para tanto, os relatos míticos se sustentam na crença, na fé em forças superiores que protegem ou ameaçam, recompensam ou castigam.

Entre as comunidades tribais, os mitos constituem um discurso de tal força que se estende por todas as esferas da realidade vivida. Desse modo, o sagrado (ou seja, a relação entre a pessoa e o divino) permeia todos os campos da atividade humana. Por isso, os modelos de construção mítica são de natureza sobrenatural, isto é, recorre-se aos deuses para essa compreensão do real.

## 4.3 OS RITUAIS

Segundo Mircea Eliade, historiador romeno estudioso das religiões, uma das características do mito é fixar os modelos exemplares de todos os ritos e de

todas as atividades humanas significativas. Desse modo, os gestos dos deuses são imitados nos rituais. Essa é a justificativa dada pelos teólogos e ritualistas hindus: "Devemos fazer o que os deuses fizeram no princípio"; 'Assim fizeram os deuses, assim fazem os homens".

Eliade exemplifica com a resposta dada pelos arunta, povos nativos da Austrália, a respeito da maneira pela qual celebravam as cerimônias: "Porque os ancestrais assim o prescreveram". Em seus rituais, porém, os arunta não se limitavam a representar ou imitar a vida, os feitos e as aventuras dos ancestrais: tudo se passava como se os antepassados aparecessem de fato nas cerimônias.

O tempo sagrado é, portanto, reversível, ou seja, a festa religiosa não é simples comemoração, mas a ocasião pela qual o evento sagrado, que teve lugar no passado mítico, acontece novamente. Caso contrário, a semente não brotará da terra, a mulher não será fecundada, a árvore não dará frutos, o dia não sucederá à noite. Sem os ritos, é como se os fatos naturais descritos não pudessem se concretizar.

● **Exemplos de rituais:** A maneira mágica pela qual os povos tribais agem sobre o mundo pode ser exemplificada pelos inúmeros ritos de passagem: do nascimento, da infância para a idade adulta, do casamento, da morte. Assim diz Mircea Eliade:

... quando acaba de nascer, a criança só dispõe de uma existência física, não é ainda reconhecida pela família nem recebida pela comunidade. São os ritos que se efetuam imediatamente após o parto que conferem ao recém-nascido o estatuto de 'vivo' propriamente dito; é somente graças a estes ritos que ele fica integrado na comunidade dos vivos. [ ... ] Para certos povos, [ ... ] a morte de uma pessoa só é reconhecida como válida depois da realização das cerimônias funerárias, ou quando a alma do defunto foi ritualmente conduzida à sua nova morada, no outro mundo, e lá embaixo, foi aceito pela comunidade dos mortos.<sup>2</sup>

Ainda hoje, a maioria das religiões contemporâneas mantém os ritos próprios de sua crença: cultos, cerimônias, oferendas, preces, templos, festas e objetos religiosos.

2 ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. Lisboa: Livros do Brasil, s. d. p. 143-144.

● **Transgressão do tabu:** No ambiente da tribo, o equilíbrio pessoal depende da preponderância do coletivo, o que facilita a adaptação do indivíduo à tradição. Ora, no universo em que predomina a consciência coletiva, a

desobediência ultrapassa quem violou a proibição, podendo atingir a farru1ia, os amigos e, às vezes, toda a tribo.

É o caso do tabu, termo que significa proibição, interdito, e que entre os povos tribais assume caráter sagrado. O mais primitivo tabu é o do **incesto**, mas há inúmeros outros, como o impedimento de tocar em algum objeto, animal ou em alguém. Por exemplo: em algumas tribos indígenas as mulheres menstruadas não devem tocar nos utensílios masculinos porque, contaminados, provocariam males e desgraças; a vaca é ainda hoje um animal sagrado na Índia e não deve ser molestada.

**Incesto:**  
relação sexual  
entre parentes  
consanguíneos  
ou afins.

Quando nas tribos a proibição é transgredida, são feitos ritos de purificação, como abster-se de alimentos, retirar-se para local isolado, submeter-se a cerimônias de ablução, em que se lava o corpo ou parte dele. Outros procedimentos são os rituais do "bode expiatório": após a transgressão ter provocado doença em um indivíduo ou o mal ter atingido toda a tribo, o sacrifício de animais ou de pessoas é um processo de "expição", ou seja, de purificação.

**PARA SABER MAIS** Ainda hoje o termo tabu é usado no sentido sagrado, mas também no não religioso: a proibição de pronunciar algumas palavras, como as referentes a certas partes do corpo, ou evitar dizer "câncer" ou "aids", substituindo os nomes por "aquela doença". O "tabu" da virgindade feminina foi imposição severa até a década de 1960, quando ocorreu a chamada revolução sexual. E ainda se costuma dizer nos jogos que um time "quebrou um tabu" ao vencer outro do qual há muito perdia.

#### 4.4 TEORIAS SOBRE O MITO

Entre as inúmeras teorias sobre o mito, citamos as de antropólogos, como Bronislaw Malinowski e Claude Lévi-Strauss; de filósofos, como Ernst Cassirer, Georges Gusdorf, Roland Barthes e Michel Foucault; de psicanalistas, como Sigmund Freud e seu discípulo dissidente Carl Jung; de historiadores, como Mircea Eliade e tantos outros.

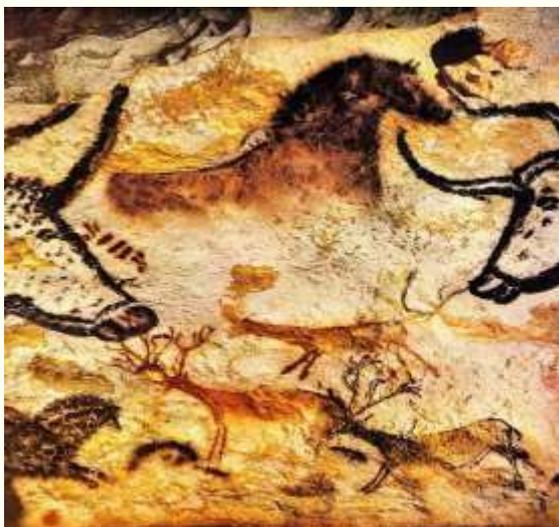
**As funções do mito:** Alguns teóricos explicam o mito pela função que desempenha no cotidiano da tribo, garantindo a tradição e a sobrevivência do grupo.

Vejamos alguns exemplos.

- I. **A origem da agricultura:** segundo o mito indígena tupi, a mandioca, alimento básico da tribo, nasce do túmulo de uma criança chamada Mandi; no mito grego, Perséfone é levada por Hades para seu castelo tenebroso, mas, a pedido de sua mãe, Deméter, retoma

em certos períodos: esse mito simboliza o trigo enterrado como semente e renascendo como planta.

- II. **A fertilidade das mulheres:** para os arunta, os espíritos dos mortos esperam a hora de renascer e penetram no ventre das mulheres quando elas passam por certos locais.
- III. **O caráter mágico das danças e desenhos:** quando os homens pré-históricos faziam pinturas nas paredes das cavernas, representando a captura de renas, talvez não pretendessem enfeitá-las nem apenas mostrar suas habilidades pictóricas, mas agir magicamente, para garantir de antemão o sucesso das caçadas; essa suposição se deve ao fato de que geralmente os desenhos eram feitos nas partes mais escuras da caverna.



Pintura rupestre em Lascaux, França, c. 15 mil anos atrás.

- **O caráter inconsciente do mito:** Outros intérpretes da linha psicológica, como Sigmund Freud, fundador da psicanálise, e seu discípulo dissidente Carl Jung, acentuam o caráter existencial e inconsciente do mito, como revelador do sonho, da fantasia, dos desejos mais profundos do ser humano. Por exemplo, ao analisar o mito de Édipo, Freud realça o amor e o ódio inconscientes que permeiam a relação familiar. E Jung se refere ao **inconsciente coletivo**, que seria encontrável nos grupos e nas pessoas em qualquer época ou lugar.

#### **Inconsciente coletivo**

Para Jung, o inconsciente coletivo é hereditário, "idêntico em todos os homens, e constitui um substrato psíquico comum, de natureza supra pessoal, que está presente em cada um de nós".

• **O mito como estrutura:** Outra linha de interpretação do mito é a do antropólogo Lévi-Strauss, representante da corrente estruturalista. Como o nome diz, trata-se de procurar a estrutura básica que explica os mais diversos mitos, procedimento que valoriza mais o sistema do que os elementos que o compõem. Os elementos, por serem relativos, só têm valor de acordo com a posição que encontram na estrutura a que pertencem. Ou seja, um fato isolado ou um mito isolado não possuem significado em si.

Quem é Claude Lévi-Strauss?

Clique na imagem para  
conhecer a sua biografia.



Nise da Silveira (1906-1999), pioneira da psicologia junguiana no Brasil, dirigiu o Centro Psiquiátrico Pedro II, no Rio de Janeiro. No tratamento da esquizofrenia, recusou as práticas agressivas, usando recursos diversos, inclusive a pintura, e a partir dela analisava os mitos e os arquétipos<sup>3</sup> expressos inconscientemente pelos seus pacientes, como nessa mandala<sup>4</sup>. Para ela, "a configuração de mandalas harmoniosas denotará intensa mobilização de forças autocurativas para compensar a desordem interna". No caso de sua paciente Adelina Gomes, a mandala "apresenta notáveis melhoras clínicas. A flor vermelha indica que afetos intensos tendem a

organizar-se em torno de um centro. Mas a perigosa serpente de duas cabeças ronda na periferia ainda não incorporada ao círculo".<sup>5</sup>

Mandala pintada por Adelina Gomes (1966)

<sup>3</sup> SILVEIRA, Nise da. As imagens do inconsciente. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981. p. 65.

<sup>4</sup> Arquétipo. Segundo Jung, imagens ancestrais e simbólicas que se exprimem por meio do inconsciente pessoal e coletivo, de sonhos, de delírios e em manifestações artísticas.

<sup>5</sup> Mandala. Do sânscrito, "círculo". Segundo Jung, as mandalas são imagens circulares desenhadas, pintadas, modeladas e dançadas que sugerem ordenação, recuperação do equilíbrio, renovação da personalidade.

Enquanto outros teóricos interpretam os mitos pela sua funcionalidade e se baseiam nos elementos particulares, na pura subjetividade ou na história de um determinado povo, Lévi-Strauss busca os elementos invariantes, que persistem sob diferenças superficiais.

Para tanto, interessam-lhe os sistemas de relações de parentesco, filiação, comunicação linguística, troca econômica etc., comuns a todas as sociedades. Por exemplo, uma regra universal é a proibição do incesto. Esse interdito tem o lado positivo de garantir a exogamia, ou seja, a união com pessoas de outro grupo.

**ETIMOLOGIA** Exogamia. Palavra composta por dois termos gregos: *exo*, "fora de", e *gamos*, "casamento".

Segundo Lévi-Strauss, o mito não é, como se costuma dizer, o lugar da fantasia e do arbitrário, mas pode ser compreendido a partir de uma estrutura lógico-formal subjacente, pelo lugar que cada elemento ocupa em determinada estrutura. Assim ele explica:

Não pretendemos mostrar como os homens pensam nos mitos, mas como os mitos [através das estruturas] se pensam nos homens, e à sua revelia.<sup>6</sup>

<sup>6</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. O cru e o cozido. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 31.

#### 4.5 O MITO NAS CIVILIZAÇÕES ANTIGAS

Até aqui, tudo o que dissemos sobre os mitos nos remete aos povos tribais, cujas relações permanecem igualitárias. Nas sociedades mais complexas, com novas técnicas e ofícios especializados, desenvolvimento da agricultura, pastoreio e comércio de excedentes, começaram a se estabelecer hierarquias entre segmentos sociais, inclusive introduzindo a escravidão.

Assim floresceram as primeiras grandes civilizações, como na Mesopotâmia, no Egito, na Índia, na China e em Israel. As duas primeiras são as mais antigas e teriam surgido por volta do final do quarto milênio a.C. É bom lembrar que essas datas são aproximativas, uma vez que dependem de interpretações históricas muitas vezes divergentes entre si.

Nessas civilizações tão antigas o mito era componente importante da cultura, mas as instituições religiosas, por se tornarem mais elaboradas, provocaram a separação entre o espaço sagrado dos santuários e o espaço profano da vida cotidiana. O poder era exercido pela classe sacerdotal ou por seu representante máximo, como o faraó, soberano considerado um deus. Esse poder, em alguns casos, tornava-se **teocrático**. O culto exigia monumentos grandiosos, como os templos e as pirâmides, onde eram sepultados os reis.

##### **Teocracia:**

Do grego *theo*, "deus", e *kracia*, "poder".

Poder político que se funda no religioso.

• **Os deuses gregos:** A civilização grega teve início por volta do século XX a.C. (entre 2000 e 1900 a.C), quando invasores de origem indo-europeia ocuparam o continente, dando início à civilização **aqueia** (ou micênica). Nessa época a Grécia ainda se chamava Hélade e era constituída por diversas regiões autônomas, mas que mantiveram a língua e a unidade cultural.

**Aqueu:**

Oriundo da Acaia, região do norte da Península do Peloponeso.

A religião dos gregos era politeísta. Os deuses, habitantes do monte Olimpo, eram imortais, embora tivessem comportamentos semelhantes aos dos homens, sendo às vezes benevolentes e também agindo por inveja ou vingança. Entre as obrigações a eles devidas, como oferendas, preces e sacrifícios, destacam-se as peregrinações aos grandes santuários, tais como Delfos, onde se consultava o oráculo.

### a. Homero

Os mitos gregos surgiram quando ainda não havia escrita e eram transmitidos por poetas ambulantes chamados aedos e rapsodos, que os recitavam de cor em praça pública. Nem sempre é possível identificar a autoria desses poemas, por serem produção coletiva e anônima.

Atribuem-se a Homero, um desses poetas, dois poemas épicos, as epopeias **Iliada** e **Odisseia**. Existem, no entanto, controvérsias a respeito da época em que Homero teria vivido - século IX ou VIII a.C.? - e até se ele realmente existiu. Segundo alguns intérpretes, as epopeias representam fatos e mitos recolhidos por diversos autores, o que se verifica pela diversidade de estilos dos dois poemas e pelas passagens indicativas de períodos históricos diferentes.

A **Iliada** trata da guerra de Troia (que em grego é Ílion) e a **Odisseia**, do retorno a Ítaca terra natal de Ulisses (Odisseus é o nome grego de Ulisses). Essa viagem foi cheia de peripécias, por isso costumamos chamar de odisseia uma aventura mirabolante.

Na vida dos gregos, as epopeias desempenharam um papel pedagógico significativo. Descreviam a história grega - o período da civilização micênica - e transmitiam os valores culturais mediante o relato das realizações dos deuses e dos antepassados. Por expressarem uma concepção de vida, desde cedo as crianças decoravam passagens desses poemas.

As ações heroicas relatadas nas epopeias mostram a constante intervenção dos deuses, ora para auxiliar o protegido, ora para perseguir o inimigo. O indivíduo é presa do Destino, que é fixo, imutável. Assim diz o troiano Heitor:

Nenhum homem me fará descer à casa de **Hades** contrariando o meu destino. Nenhum homem, afirmo, jamais escapou de seu destino, seja covarde ou bravo, depois de haver nascido. <sup>7</sup>

**Hades:** nome do Deus do Mundo subterrâneo, que entre os romanos chamava-se Plutão. Também designado como Plutão.

O herói vivia, portanto, na dependência dos deuses e do destino, faltando a ele a noção de vontade pessoal, de liberdade. Mas isso não o diminuía diante das pessoas comuns, ao contrário, ter sido escolhido pelos deuses era sinal de valor e em nada essa ajuda desmerecia a virtude do guerreiro belo e bom, que se manifestava pela coragem e pela força, sobretudo no campo de batalha.

**ETIMOLOGIA** Virtude. Vem do latim vir, virtus; primitivamente, vir significa o homem viril, forte, corajoso.

**H**ércules é o nome romano do semideus grego Héracles, filho de Zeus e de uma mortal. Conhecido por sua força física, enfrentou inúmeros desafios, principalmente devido à cólera e vingança da deusa Hera, esposa de Zeus, enciumada pela traição do marido. Na imagem



na imagem Hércules se cobre com a cabeça e a pele do Leão de Némea, um monstro que matou no primeiro de seus doze trabalhos. Na tela do pintor italiano renascentista, o herói enfrenta a Hidra de Lerna, espécie de serpente de várias cabeças que voltavam a crescer depois de cortadas. Segundo intérpretes, a hidra seria o pântano de Lerna - que Hércules conseguira secar - e as cabeças, as nascentes-d'água que até então não paravam de jorrar. Outros comparam a hidra ao delta dos rios, com suas enchentes. Não por acaso, a palavra hidra vem do grego e significa "água". Há nesse relato várias referências ao que vimos até aqui sobre os mitos. Procure identificá-las. Além disso, faça uma interpretação atual do mito, destacando algum acontecimento ou sentimento que poderia ser simbolizado pelo mito da Hidra de Lerna.

Hércules e a Hydra. Antonio di Jacopo Pollaiuolo, 1475.

<sup>7</sup> HOMERO. *Ilíada* (em forma de prosa). 9. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. p. 72.

Diferentemente do que hoje entendemos por virtude, para os gregos esse valor correspondia à excelência e à superioridade, objetivo supremo do herói guerreiro. Essa virtude se destacava igualmente na assembleia dos guerreiros, pelo poder de persuasão do discurso.

## b. Hesíodo

Hesíodo, outro poeta que teria vivido por volta do final do século VIII e princípios do VII a.C., produziu uma obra com particularidades que tendem a superar a poesia impessoal e coletiva das epopeias. Essas características novas são indicativas do período arcaico, que então se iniciava.

Mesmo assim, suas obras ainda refletem o interesse pela crença nos mitos. Em **Teogonia**, Hesíodo relata as origens do mundo e dos deuses, em que as forças emergentes da natureza vão se transformando nas próprias divindades. Por isso a teogonia é também uma **cosmogonia**, na medida em que narra como todas as coisas surgiram do **Caos** para compor a ordem do Cosmo.

**Teogonia.** Do grego théos, "deus", e gonos, "origem".

**Cosmogonia.** Do grego kósmos, "mundo", "ordem", "beleza".

**Caos.** Para os gregos, o vazio inicial.

Por exemplo, do Caos surgiu Gaia, ou Geia (a Terra, elemento primordial), que, sozinha, deu origem a Urano (o Céu). Em seguida, uniu-se a Urano, gerando os deuses e as divindades femininas. Um de seus filhos é Cronos (Tempo), que toma o poder do pai e é destronado pelo filho Zeus.

Os deuses gregos permaneceram por muito tempo na cultura ocidental da Antiguidade e foram assimilados pelos romanos, com outros nomes. Por exemplo, Cronos é Saturno, Zeus é Júpiter, Atena é Minerva, Mrodite é Vênus e assim por diante.

### 4.6 O MITO HOJE

Perguntamos então: e hoje, o desenvolvimento do pensamento reflexivo teria decretado a morte da consciência mítica?

Augusto Comte, fundador do positivismo, responde afirmativamente: ao explicar a evolução da humanidade, define a maturidade do espírito humano pela superação de todas as formas míticas e religiosas. Dessa maneira, opõe radicalmente mito e razão, ao mesmo tempo que inferioriza o mito como tentativa fracassada de explicação da realidade.

No entanto, ao criticar o mito e exaltar a ciência, contraditoriamente o positivismo fez nascer o mito do cientificismo, ou seja, a crença cega na ciência como única forma de saber possível. Desse modo, o positivismo mostra-se reducionista, já que, bem sabemos, a ciência não é a única interpretação válida do real.

De fato, existem outros modos de compreensão, como o senso comum, a filosofia, a arte, a religião, e nenhuma delas exclui o fato de o mito estar na raiz da inteligibilidade. A função fabuladora persiste não só nos contos

populares, no folclore, como também na vida diária, quando proferimos certas palavras ricas de ressonâncias míticas - casa, lar, amor, pai, mãe, paz, liberdade, morte - cuja definição objetiva não esgota os significados que ultrapassam os limites da própria subjetividade. Essas palavras nos remetem a valores arquetípicos, modelos universais que existem na natureza inconsciente e primitiva de todos nós.

### • A permanência do mito

O mito ainda é uma expressão fundamental do viver humano, o ponto de partida para a compreensão do ser. Em outras palavras, tudo o que pensamos e queremos se situa inicialmente no horizonte da imaginação, nos pressupostos míticos, cujo sentido existencial serve de base para todo trabalho posterior da razão.

Começamos pelas histórias em quadrinhos de super-heróis. Elas se fundam no **maniqueísmo** que exprime o arquétipo da luta entre o bem e o mal, polarizando heróis de um lado e bandidos de outro; além disso, a dupla personalidade do personagem principal (pessoa comum e super-herói) atinge em cheio os anseios de cada um de superar a própria inexpressividade e impotência, tornando-se excepcional e poderosa.

#### **Maniqueísmo.**

Atitude de quem estabelece uma oposição simplista entre algo (ou alguém) que representa o bem e outro que representa o mal.

Coringa, o inimigo de Batman, segundo seu criador, Bob Kane, em 1940. Nas histórias em quadrinhos destaca-se o confronto mítico entre o bem e o mal. Os contos de fada retomam os mitos universais da luta contra as forças do mal: a madrasta, o lobo, a bruxa contrapõem-se a figuras frágeis como Branca de Neve, Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, João e Maria: quando o bem vence o mal, são apaziguados os temores infantis.

Personalidades como artistas, políticos e esportistas, que a mídia se incumbem de transformar em figuras exemplares, exaltam a imaginação humana ao representarem todo tipo de anseios, como sucesso, poder, liderança, atração sexual. Inúmeros são os exemplos dessas figuras que, por motivos diversos, são consideradas excepcionais - Madonna, Che Guevara, Ayrton Senna - e que às vezes tornam-se fugazes, devido à rapidez da mídia em promovê-las e esquecer-las.

No campo da política, até as mais racionais adesões a partidos políticos e correntes de pensamento supõem esse pano de fundo mítico no qual nos movemos em direção a valores que só posteriormente podem ser explicitados pela razão.

O prevalecimento do maniqueísmo, em certas circunstâncias, traz o risco de preconceitos - eis o lado sombrio de alguns mitos - , devido à tendência em separar de modo simplista as pessoas, grupos ou nacionalidades, como antepostas. Por exemplo, o nazismo de Hitler difundiu-se a partir da ideia da raça ariana como raça pura e desencadeou movimentos de perseguição que culminaram no genocídio de judeus, ciganos e homossexuais. Recentemente, diante dos ataques de grupos terroristas da Al Qaeda aos Estados Unidos, ainda há quem generalize a avaliação atribuindo o mal a todo povo árabe.

**PARA REFLETIR** Os arianos são um subgrupo indo-europeu que veio das estepes da Ásia e se expandiu pela Europa. Segundo a concepção racista do nazismo, deles descendiam os alemães, que constituíam uma "raça pura". Você já notou como as doutrinas racistas consideram inferiores pessoas ou grupos que são apenas diferentes?

O nosso comportamento também é permeado de rituais, mesmo que secularizados, isto é, não religiosos: as comemorações de nascimentos, casamentos e aniversários, a entrada do ano-novo, as festas de formatura e de debutantes, os trotes de calouros nos fazem lembrar ritos de passagem. Examinando as manifestações coletivas no cotidiano da vida urbana do brasileiro, descobrimos componentes míticos no carnaval e no futebol, ambos como manifestações do imaginário nacional e da expansão de forças inconscientes.

#### **4.7 PARA FINALIZAR...**

O mito não se reduz a simples lendas, mas faz parte da vida humana desde seus primórdios e ainda persiste no nosso cotidiano como uma das experiências possíveis do existir humano, expressas por meio das crenças, dos temores e desejos que nos mobilizam. No entanto, hoje os mitos não emergem com a mesma força com que se impuseram nas sociedades tribais, porque o exercício da crítica racional nos permite legitimá-los ou rejeitá-los quando nos desumanizam.

## Leitura complementar

### 1. A tortura, a memória

"[...] Na exata medida em que a iniciação é, inegavelmente, uma comprovação da coragem pessoal, esta se exprime - se é que podemos dizê-lo - no silêncio oposto ao sofrimento. Entretanto, depois da iniciação, já *esquecido* todo o sofrimento, ainda subsiste algo, um saldo irrevogável, os sulcos deixados no corpo pela operação executada com a faca ou a pedra, as cicatrizes das feridas recebidas. Um homem iniciado é um homem marcado. O objetivo da iniciação, em seu momento de tortura, é marcar o corpo: no ritual iniciatório, *a sociedade imprime a sua marca no corpo dos jovens*. Ora, uma cicatriz, um sulco, uma marca são indelévels\*. Inscritos na profundidade da pele, atestarão para sempre que, se por um lado a dor pode não ser mais do que uma recordação desagradável, ela foi sentida num contexto de medo e de terror. A marca é um obstáculo ao esquecimento, o próprio corpo traz impressos em si os sulcos da lembrança- *o corpo é uma memória*.

Pois o problema é não perder a memória do segredo confiado pela tribo, a memória desse saber de que doravante são depositários os jovens iniciados. Que sabem agora o jovem caçador guaiáqui, o jovem guerreiro mandan? A marca proclama com segurança o seu pertencimento ao grupo: 'És um dos nossos e não te esquecerás disso.' [ ... ]

Avaliar a resistência pessoal, proclamar um pertencimento social: tais são as duas funções evidentes da iniciação como inscrição de marcas sobre o corpo."

**CLASTRES, Pierre. A sociedade contra o Estado. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. p. 128-129.**

\*( Indelével. Que não desaparece. )

## 2. Os trotes de calouro

*Neste trecho, Adorno trata do horror que foram os campos de extermínio (como o de Auschwitz, cidade da Polônia) no tempo de Hitler. Ao analisar a violência, o sadismo que permeio de modo ambíguo comportamentos aparentemente "normais", reflete sobre "o perigo de que tudo aconteça de novo".*

"[ ... ] aquilo que gera Auschwitz, os tipos característicos ao mundo de Auschwitz, constituem presumivelmente algo de novo. Por um lado, eles representam a identificação cega com o coletivo. Por outro, são talhados para manipular massas, coletivos, tais como os [líderes nazistas] Himmler, Hoss, Eichmann. Considero que o mais importante para enfrentar o perigo de que tudo se repita é contrapor-se ao poder cego de todos os coletivos, fortalecendo a resistência frente aos mesmos por meio do esclarecimento do problema da coletivização. Isto não é tão abstrato quanto possa parecer ao entusiasmo participativo, especialmente das pessoas jovens, de consciência progressista. O ponto de partida poderia estar no sofrimento que os coletivos infligem no começo a todos os indivíduos que se filiam a eles. Basta pensar nas primeiras experiências de cada um na escola. É preciso se opor àquele tipo de *folk-ways*, hábitos populares, ritos de iniciação de qualquer espécie, que infligem dor física - muitas vezes insuportável - a uma pessoa como preço do direito de ela se sentir um filiado, um membro do coletivo. A brutalidade de hábitos tais como os trotes de qualquer ordem, ou quaisquer outros costumes arraigados desse tipo, é precursora imediata da violência nazista. Não foi por acaso que os nazistas enalteciam e cultivavam tais barbaridades com o nome de "costumes". Eis aqui um campo muito atual para a ciência. Ela poderia inverter decididamente essa tendência da etnologia encampada com entusiasmo pelos nazistas, para refrear esta sobrevida simultaneamente brutal e fantasmagórica desses divertimentos populares."

**ADORNO, Theodor W. "Educação após Auschwitz". Em: Educação e emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 127-128. IJ**

# Referências

ARANHA, Maria Lúcia Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando – Introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna.

BITTAR, Eduardo C. B; ALMEIDA, Guilherme Assis de. *Curso de Filosofia do Direito*, 2ª Edição, Atlas Jurídico 2005